Publicação trimestral . ano VI . n:24 . jan/fev/mar 2010

carioquice

Publicação trimestral . ano VI . n:23 . jan/fev/mar 2010
ISS 1981-6049

"Quem me dera agora eu tivesse uma viola pra cantar, ponteio"

apud Edu Lobo

Edu Clave de Sol

Iluminando as marés

carioquice

CYAN.
UM MOVIMENTO DO TAMANHO DO NOSSO SONHO.

Cuidar da água do planeta é um sonho grande, imenso. E, para nós da AmBev, a vontade de realizá-lo é ainda maior. Por isso que lançamos, no Dia Mundial da Água, o Movimento CYAN. Um movimento para que empresas, a sociedade e principalmente você enxerguem o valor da água. Acesse www.movimentocyan.com.br e descubra que quem vê a água enxerga seu valor.

PEGADA HIDROLÓGICA

A AmBev é a única empresa de bebidas do Brasil a fazer parte do Water Footprint Network e a desenvolver, junto com a USP-São Carlos, um estudo de pegada hídrológica com o objetivo de reduzir o consumo de água em toda a cadeia de produto.

WWF-Brasil

Em parceria com o WWF-Brasil a AmBev desenvolveu um projeto para proteção de nascentes e mobilização das comunidades na bacia hidrográfica do Paranoá, DF.

MOVIMENTO MENOS 1L

Uma forma de disseminar pequenos gestos e mudanças de hábito que podem fazer a diferença no consumo individual da água e, no futuro, impactar positivamente o consumo de água do planeta.

PARCERIA SUSTENTÁVEL

A AmBev vai incentivar toda a cadeia de produto, desde quem planta a cevada até os bares e estabelecimentos que servem a cerveja, a consumir a água de maneira sustentável, garantindo sua economia.

PRODUÇÃO CONSCIENTE

Há 18 anos a AmBev tem um sistema de gestão ambiental em que o cuidado com a água é uma prioridade. Entre 2002 e 2009, economizamos 14,2 bilhões de litros de água, volume suficiente para abastecer uma população de 2,6 milhões de habitantes por um mês.

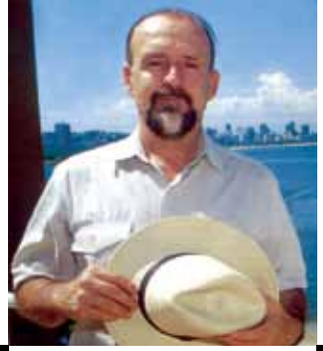
movimento CYAN

QUEM VÊ A ÁGUA ENXERGA SEU VALOR.

movimentocyan.com.br

AmBev

LODUCCA.MPM



Carmélia, um ídolo abandonado

Esquina do Ricardo

A recente microssérie "Dalva e Herivelto", que a TV Globo apresentou há algum tempo, fez-me refletir sobre um mal que assola o Brasil: o abandono que o país inflige a seus velhos ídolos. E volto a bater — perdoem-me — na mesmíssima tecla.

Agorinha mesmo, quero aqui denunciar mais um lance dessa quase tragédia nacional que incide sobre uma amiga muito querida, Carmélia Alves, um ídolo da era do rádio, uma referência que encantou o Brasil como a Rainha do Baião. Carmélia, aos 87 anos, comanda o grupo "Cantoras do Rádio", antigas intérpretes da era do rádio que, juntas, ainda podiam encher auditórios. Grupo, de resto, que mereceu até um digno filme (longa-metragem) feito por produtores curitibanos. Aliás, por inacreditável que possa parecer, os produtores cariocas de documentários musicais sobre MPB silenciaram sobre nossas velhas divas dos anos 40 a 60.

Pois bem, de uns tempos para cá a nossa Rainha do Baião — habitualmente cheia de vida, e símbolo de resistência — caiu em depressão. Perguntei-lhe os motivos e a resposta foi cortante: solidão, abandono, falta de palco para cantar. Passou a não se alimentar. E agora — depois de ter perambulado de hospital em hospital — os amigos, sabendo-a sem tostão, começam a se cotizar para ampará-la. Poucos amigos, é verdade, mas preciosos como o cantor Luiz Vieira e o secretário Júlio Bueno.

O fato é, em si mesmo, acabrunhante. Há meses, o Instituto Cravo Albin lançou um manifesto, apoiado pela Socinpro (sociedade autoral muito qualificada e parceira do Instituto) e agora também pela ADDAF (Associação Defensora de Direitos Autorais), que pedia ajuda para os velhos artistas. Infelizmente, ainda não prosperou. Que tal insistir no tema? De qualquer modo, cabe à consciência crítica (e piedosa) dos dirigentes do país imaginar algo para socorrê-los. Quem sabe um fundo, um pecúlio, uma caixa suplementar de aposentadoria?

Atenção, gente do bem, estamos mobilizados. Quando menos não seja para que as ideias possam fluir...

sumário

carioquice

Nº 24 JAN/FEV/MAR 2010
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Maestro de veludo

12 O anjo da guarda da MPB

16 Um século do mais puro nirvana musical

24 Chegou o general da banda

Saga Carioca

28 Palco de letras

36 O rádio que virou revista

Cases e Causos

42 Amigo é o escambau!

46 Aurélio: [do lat. Aurelius]

Magia do Olhar

56 Piscinão carioca

Do bem comer e melhor beber

66 Comes e bebes do Baixo Lavradio

Embaixador do Rio

72 Roqueiro puro sangue
Por Kleber Holliger

expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Ilan Bar
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- André de Barros
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel Deplá
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcilio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Olivia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

www.vale.com

A MINERADORA MAIS VERDE E AMARELA DO MUNDO ESTÁ CUIDANDO DO MONUMENTO MAIS VERDE E AMARELO DO BRASIL.

A Vale é brasileira e mundial e, por isto, tem tanto orgulho de ser a empresa que vai ajudar na restauração do maior símbolo do Brasil no mundo: o monumento do Cristo Redentor.

VALE

Maestro de veludo

POR VERA DE SOUZA

"Chora, menino, pra comprar pitomba! Chora, menino, pra comprar pitomba", o pregão entoado pelas ruas do Recife pelos vendedores da fruta de sabor agridoce, seria mote, no futuro, para que o menino carioca Eduardo Lobo, que lá passava suas férias escolares, viesse a dar um novo rumo à música brasileira. É bom que se diga que Edu é carioca de carteirinha e somente passava as férias naquelas praias. Mas esse singelo encontro foi suficiente para mover marés, trazendo para a MPB um refinamento raras vezes visto por essas praias.

Edu Lobo é um queridinho da Carioquice e do Instituto Cultural Cravo Albin desde sempre. Ele foi o homenageado que encerrou o Sarau da Pedra em 2008 no Largo da Mãe do Bispo, onde deixou plantada uma bela placa na sede histórica do instituto. Hoje, aos 66 anos e lançando o 25º disco de sua carreira, "Tantas marés", oito anos após "Cambaio", deve ser saudado por todos os que amam a música de boa qualidade que alia sofisticação e uma delicadeza melódica que são referências em seu trabalho.

Fomos encontrar Edu em sua casa em São Conrado, onde ele nos contou de sua rica trajetória. Já de cara ele nos explicou o acidente que teve em setembro de 2009, um tombo da escada do estúdio de sua casa, pouco antes de começar esse novo trabalho. "Foi uma coisa boba, estava pegando umas coisas para ir ao clube e, de repente, caí. Conversei com o médico que me operou há seis anos, o neurocirurgião Paulo Niemeyer, e ele me disse que isso pode acontecer com alguém que já sofreu um aneurisma. Já são seis anos e, felizmente,

Edu com a mãe

não fiquei com sequelas. O fato de ter acontecido antes desse novo disco é que não pude compor mais músicas para ele. Mas o repertório que está em "Tantas marés" não veio para substituir nada. Ele já estava definido assim. Apenas, em vez das 12, talvez tivesse 16 ou 17 faixas se não tivesse acontecido isso. Estão lá composições de parcerias inéditas com Paulo César Pinheiro, recriação de músicas feitas com Chico Buarque, uma joia quase esquecida que fiz com Cacaso. É interessante que esse é o disco que eu sinto que estou mais próximo das pessoas, e a queda não influenciou no canto", explica.

Apontado como integrante da segunda geração da Bossa Nova, em que se encontram Marcos Valle, Dori Caymmi, Chico Buarque, entre outros, sua música veio a estabelecer um novo estilo, classificada pelos críticos como MPB. "Quando eu ouço isso, parece que eu tenho 170 anos. Além do que MPB parece nome de partido político" (risos).

o acordeão

Como mandava a tradição nos anos 1940 e 1950, toda casa ou tinha um piano ou um acordeão, instrumento que ganhou grande popularidade graças a Luís Gonzaga, Caçulinha e tantos outros. Na casa de Edu, Dona Maria do Carmo Góes Cavalcanti optou por iniciar musicalmente o filho no acordeão. "Eu queria tocar piano, mas era complicado porque ocupava muito espaço e acabei estudando por sete ou oito anos, e achava que pendurar aquele treco pesado era muito desconfortável. Além disso, não achava a menor graça em estudar partitura, tentava pegar tudo de ouvido. Depois minha vida mudou completamente. Fiquei obcecado em aprender partitura. E para quem pensa que foi meu pai (o compositor Fernando Lobo) que me levou para a música está totalmente enganado. Foi minha mãe!

Edu conta que seus pais, oriundos de Pernambuco, conheceram-se em Recife, namoraram,

Aos 13 anos, foi despertado para outro instrumento, o violão. Graças a um amigo que frequentava a casa da família, o violonista carioca Théo de Barros. E aí surgiu uma paixão

vieram para o Rio e se casaram. "Durante alguns anos de minha vida não sabia sobre meu pai, já que eles tinham se separado há muitos anos e esse assunto era tabu na família. Só vim conhecer a história toda depois que minha mãe morreu. Bom, como eu não sabia nada dele, inventava histórias como a que ele morreu na guerra etc. Afinal, na escola todo mundo tinha pai e mãe. Então criava histórias. Não era uma boa história, mas era uma história. Estou contando isso, porque já li várias vezes que meu pai teve o cuidado de me mandar para o Recife. Na verdade, quem me mandava para o Recife era minha mãe. Conheci meu pai aos oito anos, mas conhecê-lo de verdade só veio a acontecer aos 17 anos, quando saíamos para pescar e ele me levava a diversos lugares. Era uma relação ótima e ele era o meu herói. E sabe o que aconteceu? Ele se casou de novo com minha mãe aí tudo mudou, brigávamos muito".

Recife, aliás, é um capítulo à parte na vida de Edu. No Rio, eles moravam na Rua Barão de Ipanema, onde o compositor disputava partidas de futebol no meio da rua que, de vez em quando, era interrompida pela passagem de um carro. "Outro dia fui contar isso para o meu filho (Bena Lobo) e ele me olhou meio desconfiado, achando que eu já estava meio gagá. Mas o fato é que eu tenho pena da garotada de hoje, que não vive isso. Nosso time tinha desde o filho do médico ao garoto da favela, não tinha essa coisa de cidade partida. Mas melhor ainda era quando chegavam as férias e eu ia para o Recife."

Ouvi-lo falar de Recife é como reproduzir na mente uma cena de filme italiano. À sua chegada com a mãe, via os rostos conhecidos de seus familiares acenando do porto. "Lembro bem quando eu e mamãe íamos chegando num daqueles Itas que atracavam, bem devagar, víamos todos os irmãos e as irmãs de minha mãe (que eram oito), seus maridos e suas mulheres e seus filhos. Isso dava

Edu com os filhos

umas 40 ou 50 pessoas. Eu achava que isso fazia parte da vida de todo mundo, mas não fazia."

A estratégia de Edu para aproveitar mais as férias era estudar muito e nunca ficar em segunda época, primeiro em um colégio francês de Dona Eva Levi e, mais tarde, no Santo Inácio, onde ficou até ir para a PUC cursar Direito que, claro, não concluiu. "Na época do colégio eu tinha um bônus de 10 a 15 dias por ser bom aluno e chegava depois das aulas começadas. Isso me dava três meses de férias."

Formação musical

Além do estudo de acordeão que já começara aos oito anos, sua mãe era uma grande incentivadora, comprava álbuns variados daqueles que vinham com seis LPs, mas Edu considera sua formação musical absolutamente caótica. "Eu comecei ouvindo Villa-Lobos, Debussy e Ravel. E lembro o dia exato em que ouvi a 'Sagração da Primavera' (Stravinsky) e fiquei meio catatônico, porque era tanta coisa. Não podia dizer que tinha gostado, mas também não podia dizer que não tinha gostado. Era muita coisa para uma cabeça que não estava treinada, eu tinha 12 anos. Hoje em dia, quanto mais eu escuto, mais gosto. E só ouço as músicas com as partituras."

Edu com o pai e seu filho, Bernardo Lobo

Ouvir música clássica, aliás, é dos passatempos preferidos do compositor, que afirma que ouve mais a cada dia e sempre acompanhando a partitura e explica que dessa forma é "possível ouvir tudo o que está acontecendo".

Mas voltando à época do acordeão, já aos 13 anos foi despertado para outro instrumento, o violão. Graças a um amigo que frequentava a família, o violonista carioca Théo de Barros. E aí surgiu uma paixão. "Fiquei fascinado, queria tocar violão e não quiseram me dar, pois disseram que eu já tocava um instrumento. Fui aprendendo sozinho, pegando violões emprestados, até que um dia toquei para minha mãe e ela se convenceu e me deu um violão."

Era o ano de 1957, e a Bossa Nova dava seus primeiros passos. Edu conta que um dia, em Recife, ouviu no rádio "Chega de saudade". E, mais uma vez, uma reação de fascínio e espanto com tanta novidade. "Tinha um cara cantando de um jeito que ninguém cantava (João Gilberto), tocando um violão de uma forma completamente diferente. A melodia e a harmonia também eram soberbas (Tom Jobim) e a letra, uma maravilha (Vinícius de Moraes). Lembro que congelei e logo fui procurar o disco que eu ouvia, ouvia e tocava, tocava."

De volta ao Rio, eu já era amigo do Dori e o Marcos Valle era amigo do colégio e resolvemos formar um trio. "Sem falsa modéstia um dos piores trios que eu já vi. Nada combinava. A voz do Dori era uma voz Caymmi, grave, a minha, uma voz média que também não combina com a do Marcos. Grupo vocal tem que ser igual ao MPB4, que canta em uníssono e é lindo, parece que é uma mesma voz. O Boca Livre também. O nosso trio, felizmente, não tinha nome e era uma grande bosta e ainda era apresentado assim: no primeiro violão, Dori Caymmi, filho de Dorival Caymmi; no segundo violão, Eduardo Lobo, filho de Fernando Lobo; e no piano, Marcos Valle, filho do Doutor Paulo Valle. Era melhor não falar o nome do pai de ninguém, né? (risos)

Mas a experiência rendeu bons frutos, como ele destaca, pois a troca foi grande e com a convivência com Dori, que já tocava muito bem, Edu diz que aprendeu muito. Mas a paixão pela Bossa Nova fez com que ele avaliasse que se tentasse entrar naquele time ia ficar no banco, pois só tinha feras. Vinícius foi o primeiro que conheceu e que o apresentou a todos os outros: Tom Jobim, Baden Powel, Carlinhos Lira, Oscar Castro Neves, Menescal, Luizinho Eça, nas famosas reuniões musicais. "Eu tentava fazer algumas coisas, mas achava ruim. Foi aí que eu comecei a lembrar as músicas que ouvia em Recife e fui misturando com aquilo que eu estava aprendendo de harmonia. Então começaram a chegar os frevos, uma espécie de baião, uma influência nordestina muito grande que eu tenho até hoje."

A memória afetiva, sem dúvida, permeia a música de Edu, que conta que jamais esqueceu os dias na varanda da casa das tias vendo os vendedores passar, entoando seus pregões. "Eram mais de 50, todos muito bonitos, com aquela

melodia e, lógico, isso foi entrando na minha cabeça dos mais variados jeitos. Um exemplo é a minha música "Borandá", que quer dizer "vamos embora andar".

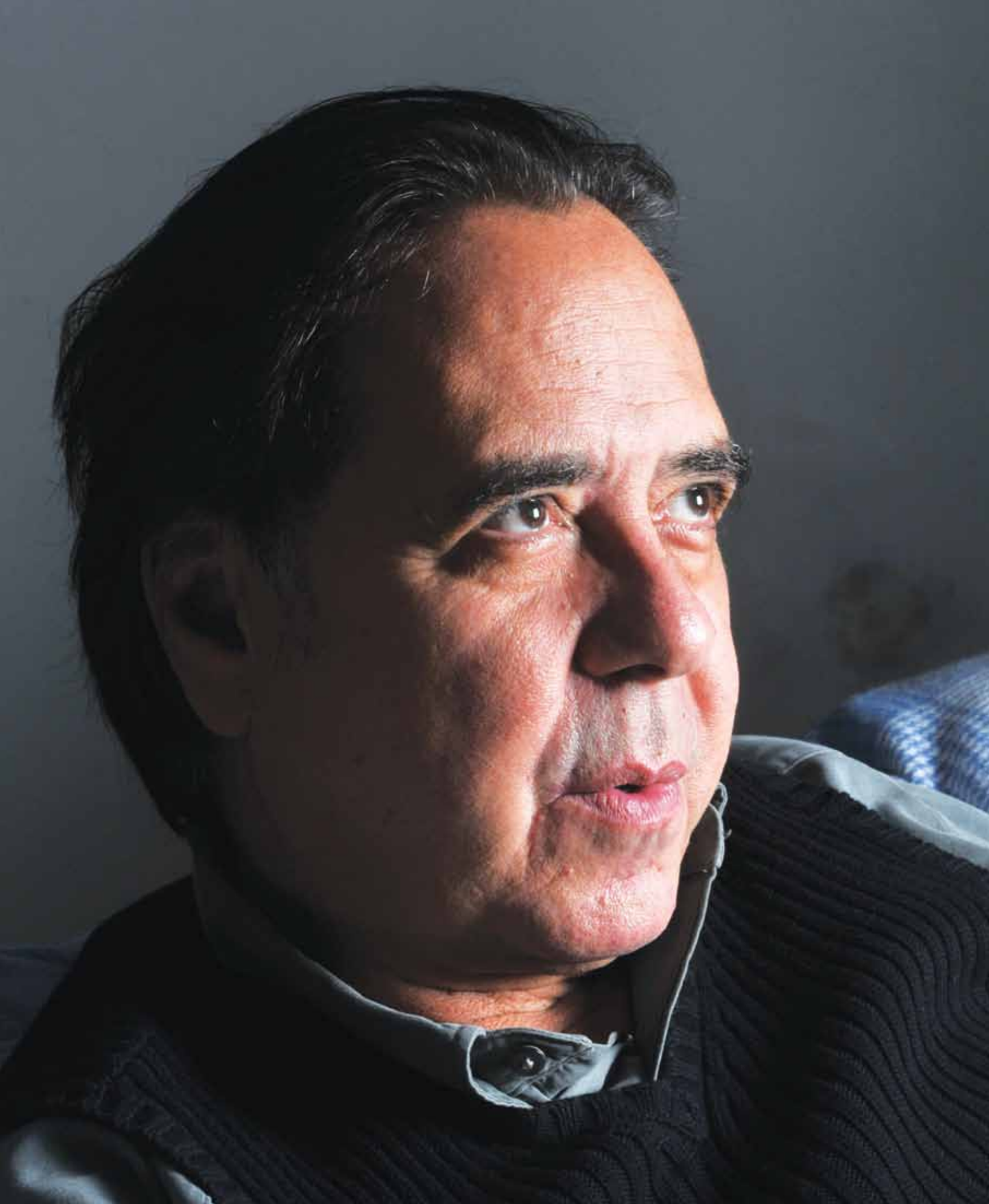
Os festivais

Além dos encontros diários com outros músicos, em que cada um apresentava suas criações, Edu se tornou grande amigo do pianista e compositor Luizinho Eça, para a casa de quem ia todos os dias. E não à toa seu primeiro disco foi gravado com o Tamba Trio — sucesso absoluto da época. Para quem estava começando e, sem ter sucesso algum na praça, era a consagração. Mas veio o Festival da Canção, e por orientação do produtor musical Aloysio de Oliveira o disco não foi lançado naquele momento, caso contrário não poderia entrar no festival. A música que competiu e ganhou foi nada menos que "Arrastão", que foi ótimo para Edu e também para Elis, que estouraram na praça.

O disco "Edu Lobo por Edu Lobo" saiu pelo selo Elenco, em 1965. E é, sem dúvida, uma das joias da música brasileira. Além de contar com o Tamba Trio (Luiz Eça, piano; Bebeto, flauta e contrabaixo; e Ohana na bateria. Teve voz e violão de Edu Lobo e arranjos de Luiz Eça). As parcerias são um caso à parte: Vinícius ("Zambi", "Arrastão" e "Canção do amanhecer"), Lula Freire ("Resolução"), Ruy Guerra ("Aleluia", "Canção da Terra", "Reza", "Réquiem por um amor", "Em tempo de adeus") e Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha ("Chegança"). O texto de contracapa do disco, assinado por Aloysio de Oliveira, dá a exata dimensão do que acontecia naquele momento: "Edu Lobo em pouco tempo se tornou um dos mais importantes compositores da nova geração. Sua música é uma expressão espontânea e tem uma força invulgar para um compositor jovem. Há algum tempo vinha observando o desenvolvimento do talento desse rapaz e notei também que ninguém melhor do que ele interpretava suas próprias músicas, daí a razão desse disco..."

Da noite para o dia Edu foi alçado ao status de estrela da música brasileira. Os festivais eram um verdadeiro frenesi, como ele mesmo define: "Era como se fosse um Fla x Flu, as pessoas gritavam na rua." Se seguisse por aí, teria se tornado um *pop star*, mas isso não estava em seus planos."Eu nunca tinha pensado que tivesse de ir para o palco fazer alguma coisa. Não era o meu barato. Queria fazer músicas e que elas ficassem conhecidas, mas que os cantores as cantassem. Na época de "Arrastão" fui empurrado lá para cima. Não sabia nem direito o que fazer. Hoje, já não fico mais tímido porque tenho um repertório, tenho músicas para escolher com parceiros excelentes. Apesar de ser basicamente músico, eu adoro letras de música. Desde que bem feitas, lógico."

Tom, Edu e Vinícius



A vida de cantor com tudo o que isso envolve, viagens, falta de tempo para o recolhimento para estudar e compor o incomodavam e, em 1969, seguiu para os EUA para estudar orquestração. Os planos, na época, eram grandiosos. Ficar 20 anos ou até a vida toda. "Quando cheguei a Los Angeles achei ótimo, tinha sol, tinha feijão, ninguém me conhecia. Enquanto que Nova York tinha achado barulhenta. LA, não, era Petrópolis. Fiquei só por dois anos, mas foi ótimo porque me concentrei nos meus estudos.

trilhas sonoras

A primeira trilha sonora foi com Vianinha, para "Azeredos mais os Benevides", em 1964. A peça programada para inaugurar o teatro do Centro Popular de Cultura, no prédio da União Nacional dos Estudantes (UNE), na Praia do Flamengo, permaneceu inédita já que o local foi incendiado pelos anticomunistas. A música "Chegança" fazia parte dessa trilha.

Pouco depois, Edu foi procurado por Gianfrancesco Guarnieiri que queria que, juntos, fizessem um musical. O encontro dos dois, relatado por Edu, é impagável. Os dois falavam pouco e Edu querendo saber de Guarnieiri qual era o mote do musical. Não havia. Edu mostrou algumas músicas, e Guarnieiri proclamou: aí está o musical"! E assim surgiu "Arena conta Zumbi" que rendeu belas parcerias dos dois, como em "Upa, neguinho", "Sinherê (Venha ser feliz)", entre outras.

"Eu adoro compor assim, por incrível que pareça! Eu não sei fazer música viajando. Eu tenho inveja de pessoas que param não sei onde, tem uma inspiração, pegam um guardanapo e compõem. Acho lindo. Mas eu preciso ter encomendas. Quer ver uma vantagem? Eu estava num projeto que tinha de fazer um tango. Eu jamais teria feito um tango, mas fiquei ouvindo Piazzolla e foi ótimo. Já pensei muito sobre isso: como é que eu fazia tantas músicas se não tinha trilha alguma para fazer? Mas é porque havia os encontros em diversas casas, que tinham cara de festa, mas na verdade a gente estava trabalhando. Todo mundo tocando. Era quase um compromisso chegar e mostrar uma música nova."

Com Chico Buarque a produção foi pródiga, foram grandes projetos: "Circo místico", "O corsário do rei", o do balé Guaíra, "Dança da meia-lua" e , por fim, "Cambaio". "Fizemos um baú muito bom. "Ciranda da bailarina", que foi gravada em 1981 e hoje é muito conhecida. "Beatriz", do "Grande circo místico" é uma história interessante. Quando o Milton gravou, cheguei em casa com a fita e pensei quanto tempo iria levar para as pessoas escutarem aquela música, impossível de tocar no rádio. Muito triste, lenta, longa e, de repente, ela foi indo, não sei bem por onde e hoje todo mundo conhece."

Edu já compôs dez trilhas para cinema, incluindo a de um filme francês, "Valmi", e a última para "Xangô de Baker Street". No momento, prepara a do novo filme de Hugo Carvana, "Não se preocupe, nada vai dar certo", uma comédia policial com roteiro de Paulo Halm. Ao mesmo tempo, o músico, compositor e cantor Edu Lobo segue pelo Rio, por São Paulo e outras capitais com o show de lançamento de "Tantas marés". Os intervalos entre tantas atividades são dedicados à família, como os almoços que prepara para os filhos (Mariana, a mais velha; Bernardo, o do meio; e Izabel, a caçula) e os netos (Beatriz, oito anos, filha de Bernardo; e Eduardo, de um ano e nove meses, filho de Mariana), além de acompanhar a neta ao cinema.

"Acho que trabalhar com música faz bem. É trabalhar com uma coisa que não é trabalho, é prazer. É só alegria, é como se eu estivesse com horário livre para fazer o que eu gosto. Eu vivo disso, então acho que é sorte", conclui.

O anjo da guarda da MPB

por Kelly Nascimento

A tarefa de zelar pelo preciosíssimo acervo da música popular brasileira não é nada fácil. Mas uma parceria entre o Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) viabilizará a nobre missão. Trata-se do projeto "MPB, uma paixão nacional: a necessidade da preservação", que ganhou edital público em 2009 e já funciona a pleno vapor em 2010. Sua trilha sonora bem poderia ser traduzida com as seguintes expressões: esforço hercúleo, disciplina férrea e todo o amor desse mundo à música brasileira.

"O ICCA foi criado no ano de 2001 e visa a se tornar um centro de excelência em procedimentos arquivísticos e preservacionistas para acervos especiais, principalmente, fonográficos. O acervo, com cerca de 30 mil peças, hoje ampliado por várias doações, abrange em sua maior parte elepês raros e históricos que merecem adequada preservação e otimização de acesso às suas informações. Outros documentos do acervo também exigem tratamento especializado, como partituras, fotos, vídeos, fitas e livros", explica o fundador, Ricardo Cravo Albin.

Por sorte, as doações não param de chegar. A seu acervo original, o Instituto vem agregando doações sistemáticas, que praticamente o duplicaram, tais como os acervos de Ney e Renato Murce, Ivon Curi, Geraldo Casé, Ana Bentes Bloch, embaixador Roberto Assumpção, Nélida Piñon, Silvana Gontijo, Lula Vieira, entre muitos outros. No início de março, por exemplo, foi preciso um caminhão jamanta para transportar de São Paulo para o Rio seis toneladas de discos e documentos doados por Celina Saez ao Instituto. São peças do pai de Celina, um menino de rua que virou empresário e foi dono da Rádio Taubaté. A doação consiste em mais de 30 mil discos que cobrem desde o início da indústria fonográfica no Brasil. Especula-se que esta seja a maior doação de um paulista à cidade do Rio de Janeiro.

"Entre as doações recentes está uma coleção da Marlene que entrou há pouco tempo e ainda não foi totalmente catalogada. A do Ivon Cury também. São muitas doações, a tendência do Instituto é crescer cada vez mais", avalia Maria de Lourdes Horta, supervisora técnica do ICCA a partir do projeto apoiado pelo BNDES. E se as doações

Comunidade cultural do Rio recebendo a doação dos 30 mil discos doados ao ICCA por Taubaté: Ruy Garcia Marques (presidente da FAPERJ), João Ricardo Moderno (presidente da Academia Brasileira de Filosofia), Malvina Tuttman (reitora da UNIRIO) e Ricardo Cravo Albin

são constantes, a tarefa de catalogar e organizar o acervo também o é. Daí a função estratégica do projeto "MPB, uma paixão nacional'.

Financiado pelo BNDES, dentro da linha de apoio para preservação de acervo, o 'MPB, Uma Paixão Nacional' "foi apresentado em 2008, aprovado em 2009 e começou em janeiro de 2010. A previsão de duração é de um ano. Ações sistemáticas serão adotadas e depois terá uma continuidade. É um projeto de sistematização do acervo", explica Maria de Lourdes.

"MPB, uma paixão nacional" é um projeto de pesquisa e preservação multidisciplinar, que envolve Arquivologia, Museologia, Química e outros ramos do saber, devidamente amparados no ICCA por técnicos da Unirio e da PUC-Rio, além da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). "A ideia é resgatar as informações e estabilizar os suportes do acervo do Instituto Cultural Cravo Albin para devolver à sociedade um bem patrimonial de grande importância para o patrimônio cultural e para a memória de nossa música popular", conceitua Ricardo Cravo Albin.

O projeto é dividido em seis etapas: levantamento das tipologias documentais, diagnóstico, tratamento, catalogação, armazenamento e digitalização de fitas magnéticas de vídeo. Isso posto, o pulo do gato é a disponibilização do vastíssimo acervo na internet — o que viabilizará consultas em qualquer parte do mundo. "Quando o acervo estiver todo tratado, higienizado e catalogado, todo esse material estará disponível tanto na página do Dicionário da MPB quanto no site do ICCA. Isso vai facilitar muito a pesquisa em níveis nacional e internacional. A música brasileira é de interesse mundial. E o acervo também poderá ser acessado pelo mundo inteiro", comemoram Maria de Lourdes e Malvina Tuttman.

O treinamento dos futuros profissionais é outro ponto positivo do projeto: por meio de parcerias com Faperj e BNDES, haverá bolsas para

"Quando o acervo estiver todo tratado, higienizado e catalogado, todo esse material estará disponível tanto na página do Dicionário da MPB quanto no site do ICCA. Isso vai facilitar muito a pesquisa em níveis nacional e internacional".

Define Malvina Tuttman, reitora da UNIRIO

estudantes de Arquivologia, História e Música trabalharem no projeto.

A contrapartida espontânea do ICCA ao BNDES pelo financiamento é a reforma do espaço físico para abrigar a coleção. "Um dos andares do prédio da Urca sempre esteve com esse acervo. Aproveitamos o projeto do BNDES para ampliar o espaço e renovar as instalações. As obras devem terminar no fim de março. Nós temos uma parte que já foi feita, que é a dos discos de vinil, assim como a biblioteca do Ricardo Cravo Albin que já foi catalogada; agora, haverá uma recolocação, a mudança física do acervo, e o tratamento do acervo iconográfico. É um longo trabalho de tratamento técnico desse acervo variado. Estamos também climatizando todas as salas", detalha a supervisora, lembrando que, por estar num local úmido, próximo à Mata Atlântica, o acervo tem que estar protegido de ameaças como cupins.

E por falar em ameaças, o Instituto já prepara um novo projeto de desenvolvimento de um sistema de segurança: proteção contra incêndio e roubo. Outro ponto a ser trabalhado em breve, possivelmente com o mesmo BNDES é a reforma física do Largo da Mãe do Bispo, anexo histórico do ICCA dentro da Mata Atlântica, embaixo do Pão de Açúcar. A conferir.

ETAPAS DO PROJETO "MPB, UMA PAIXÃO NACIONAL" EM SEIS NOTAS

Primeira etapa - Levantamento das tipologias documentais

Realizada previamente a fim de preparar o projeto de conservação do acervo do Instituto Cultural Cravo Albin. Essa primeira etapa do trabalho consistiu na análise preliminar de todas as doações e levantamento das tipologias a serem tratadas.

Segunda etapa - Diagnóstico

Será elaborado um diagnóstico do estado de conservação do material a ser tratado. Assim como a separação das tipologias e a identificação de cada unidade.

Terceira etapa – Tratamento

O acervo a ser tratado é formado por diversas tipologias. Cada uma tem uma especificidade e, com isso, é necessário que se faça um estudo prévio e que se atribua o tratamento correto para cada tipo de suporte.

Quarta etapa – Catalogação

Processamento da informação por meio de quadro de classificação intelectual e o sistema de codificação.

Quinta etapa – Armazenamento

Nas áreas de depósito, os documentos devem ser armazenados separadamente, de acordo com o seu suporte. É indicada a utilização de caixas de materiais termoestáveis e absorvedores de umidade, que contribuam para a estabilização da umidade.

Sexta etapa – Digitalização de fitas magnéticas de vídeo

Serão digitalizadas as fitas magnéticas já tratadas. A atividade de digitalização consistirá na gravação das fitas VHS por meio de um equipamento de videocassete e um gravador de DVD.

Um século do mais puro nirvana musical

por Kelly Nascimento

O que têm em comum Noel Rosa, Nassará e Haroldo Lobo? Ganhou um doce quem lembrou que todos eles nasceram no ano de 1910. Logo, completam 100 anos de nascimento em 2010. É claro que o Instituto Cultural Cravo Albin não poderia deixar passar as datas em branco e já prepara homenagens a esses menestréis. Aos centenários da música popular brasileira, aqui vai nossa singela homenagem.

O poeta da Vila

Noel Rosa pode não ter sido o melhor compositor popular de seu tempo, mas há quem diga que foi o mais importante. Seu legado de 260 canções – dezenas delas verdadeiras obras-primas que resistem ao tempo – são a melhor prova. O filósofo do samba tirava inspiração de fatos de seu cotidiano para compor sambas, marchinhas, emboladas, foxtrotes e valsas.

Seus sambas lentos que extravasavam lirismo seriam mais tarde reconhecidos como um novo matiz, batizado de samba-canção. Sim, Noel marcaria para sempre a MPB com um novo estilo na música popular, que acabaria repercutindo anos mais tarde em grande parte dos compositores brasileiros: o samba urbano, marcado por motivos poéticos cantarolados em melodias requintadas.

Sua vasta produção musical foi feita num curto período de tempo: entre os 20 e os 26 anos. Mais dedicado à boemia e ao samba que para sua saúde, o poeta da Vila morreu de tuberculose, em 4 de maio de 1937.

Em comemoração ao centenário do "Poeta da Vila", o ICCA, a pedido do grupo empresarial MPE, produziu uma coletânea de CDs com a obra de Noel Rosa, reeditando gravações históricas de suas músicas nas vozes de Mário Reis, Sylvio Caldas, Dalva de Oliveira, Francisco Alves e muitos outros astros da chamada "Era de Ouro da MPB", além de gravações do próprio Noel e de intérpretes como Elizeth Cardoso, João Nogueira e Miltinho. "Cada um dos encartes conta um pouco da história e da carreira de Noel Rosa, sem deixar de lado os principais acontecimentos da época, como o surgimento da gravação elétrica, o governo Getúlio Vargas e as novidades estéticas propostas pela Semana de Arte Moderna em 1922, que influenciaram a vida e a obra desse grande artista popular", explica Ricardo Cravo Albin.

O primeiro CD da série traz 14 sucessos interpretados pelo próprio Noel, algumas vezes acompanhado das participações especiais de Marília Batista e Ismael Silva, seu grande parceiro. Já no segundo CD, a polêmica com Wilson Batista é resgatada. O álbum reproduz a histórica gravação de meados dos anos 1950 em que os sambistas Roberto Paiva e Francisco Egydio recriam as nove canções que fazem parte da polêmica iniciada por Noel com seu colega Wilson Batista.

Haroldo Lobo, pai de grandes sucessos do samba

O compositor carioca Haroldo Lobo tinha música em seu DNA. Nasceu em uma família de músicos: o pai, Quirino Lobo, tocava flauta e violão, e seu irmão Osvaldo Lobo (Badu) era compositor e baterista.

Desde os 13 anos de idade, compunha sambas para o Bloco do Urso. Logo cedo, ganhou o apelido de Clarineta, por conseguir cantar em uma tessitura semelhante à desse instrumento.

Sua história da música começou de fato em 1940, quando um bloco do bairro da Gávea cantou nas ruas a marcha "Caravana", de autoria de seu patrono Haroldo Lobo. Meses depois, preparando o repertório para o carnaval de 1941, Haroldo pediu a Nássara para completar a composição "Alalaô", para qual fez então fez então a segunda parte da música. Destaca-se ainda nessa gravação a atuação de Pixinguinha, que fez às pressas um arranjo primoroso para o qual criou a introdução e as partes instrumentais executadas ao longo da música. Ainda em 1941, lançou "O bonde do horário já passou", com Milton de Oliveira, e "Essa vida não é sopa", com Wilson Batista, ambas gravadas por Patrício Teixeira.

Em 1942, lançou "Emília", parceria com Wilson Batista, gravada por Vassourinha, e "A mulher do leiteiro", com Milton de Oliveira, gravada por Aracy de Almeida. Utilizava em muitas de suas compo-

Em comemoração ao centenário do "Poeta da Vila", o ICCA produziu, a pedido do grupo empresarial MPE, uma coletânea de CDs com a obra de Noel Rosa, reeditando gravações históricas de suas músicas nas vozes de Mário Reis, Sylvio Caldas, Dalva de Oliveira, Francisco Alves e muitos outros astros

Noel Rosa em foto de seu casamento com Lindaura, de 18 anos, em 1934

O primeiro CD da série traz 14 sucessos interpretados pelo próprio Noel, algumas vezes acompanhado das participações especiais de Marília Batista e Ismael Silva, grande parceiro de Noel Rosa

Os bambas do samba homenageiam Ismael Silva (sentado) – o fundador da primeira escola de samba, Deixa Falar – no show Samba Autêntico. Da esquerda para a direita, Manoel do Cavaquinho, Martinho da Vila e Noel Rosa do Salgueiro, em 1969

sições temas do cotidiano da cidade e mesmo do país, como, por exemplo, a marcha "Oito em pé", que comentava a autorização pública para que oito passageiros viajassem em pé nos coletivos por racionamento de gasolina. Um outro exemplo, também, a marcha "Tem galinha no bonde", cuja letra mencionava a regulamentação do transporte de galinhas no bonde. Ambas foram gravadas por Aracy de Almeida.

Nos anos de 1943-1944, em plena Guerra Mundial, e também na linha de comentário social, lançou "Que passo é esse, Adolfo?", com Roberto Roberti, e "As ruas do Japão", com Cristóvão de Alencar, em cujas letras satirizava práticas peculiares ao eixo beligerante, Alemanha e Japão respectivamente. Em 1945, obteve o 1º lugar no concurso de músicas para o carnaval, promovido pela prefeitura do Distrito Federal, com a marcha "Verão do Havaí", com Benedito Lacerda, gravada por Francisco Alves e Dalva de Oliveira. Ainda naquele ano, fez sucesso com o samba "Rosalina", em parceria com Wilson Batista, gravado por Jorge Veiga.

Em 1946, venceu mais uma vez o concurso de músicas carnavalescas com a marcha "Espanhola", uma parceria com Benedito Lacerda, lançada por Nélson Gonçalves. Haroldo Lobo era folião dos mais animados e preparava suas músicas de carnaval com muito cuidado e grande antecedência. Sua dedicação resultava sempre em um grande sucesso popular para cada ano de folia. Entre esses, destacam-se "O passo da girafa", com Milton de Oliveira, lançado em 1949 por Aracy de Almeida.

Em 1951, o êxito veio com "O retrato do velho", cuja letra comentava a prática instituída pelo Estado Novo (e sustentada pelos governos posteriores), que recomendava a colocação de retratos do presidente nas paredes das repartições públicas. Feita em parceria com Marino Pinto, compositor que sempre teve admiração pelo presidente Getúlio Vargas, essa marcha, na qual a volta do líder ao poder foi simbolizada no retorno do retrato à parede, foi gravada com enorme sucesso por Francisco Alves. A marcha só não foi apreciada pelo próprio Getúlio, que detestava ser considerado velho. Em 1955, obteve sucesso no carnaval com a marcha "Tira essa mulher da minha frente", parceria com Milton de Oliveira e gravada pelo selo Copacabana por Jorge Veiga, e que foi escolhida por um júri reunido no Teatro João Caetano como uma das dez mais populares marchas do carnaval daquele ano.

Em 1961, mais um grande sucesso e mais uma brincadeira com a mudança da capital para Brasília: "Índio quer apito", com Milton de Oliveira, uma das composições que mais renderam direitos autorais. Seu último grande sucesso foi "Tristeza", feito em parceria com Miltinho, lançado em 1965 por Jair Rodrigues e que acabou sendo executada, a partir de 1967, em todo o mundo, transformando-se em sua única música internacionalmente reconhecida. É hoje considerado, ao lado de Braguinha e Lamartine Babo, um dos três mais expressivos autores do repertório carnavalesco no Brasil.

Násssara, criador da marchinha "Alalaô"

Homem de múltiplos talentos, foi compositor, caricaturista e desenhista. Trabalhou em vários jornais e revistas como caricaturista, diagramador e paginador, entre eles "O Globo", "A Noite", "A Crítica", "A Hora", "O Radical", "A Nação", "Careta", "O Cruzeiro", "Última Hora" e "A Jornada". Mas também colaborou vastamente na MPB.

Nássara foi um dos grandes criadores de sucessos carnavalescos das décadas de 1930 e 1940.

Sua característica marcante era parodiar ou citar composições famosas em suas próprias músicas. Muitos de seus sucessos utilizavam esse recurso: em "Periquitinho verde", em parceria com Sá Róris, citou "Mamãe eu quero"; em "Nós queremos uma valsa", há uma citação da "Valsa

dos Patinadores", de Emil Waldteufel; e a marcha "Pombinha branca" é uma paródia da valsa "La Paloma". Entre suas obras mais famosas está a marcha "Alalaô", cantada até hoje em todos os bailes carnavalescos pelas novas gerações, nos dias em que o calor está muito forte. Foi o compositor do primeiro *jingle* do rádio brasileiro.

Em 1927, começou a trabalhar como caricaturista no jornal "O Globo", do Rio de Janeiro. Na ENBA (Escola Nacional de Belas Artes), onde estudava, conheceu vários amigos com os quais criou um grupo musical, o Conjunto da Enba. Entre os integrantes estavam J. Ruy, Barata Ribeiro (pai do humorista Agildo Ribeiro), Jacy Rosa e Mário Henrique Xavier. Tocava pandeiro, e, para *crooner* do grupo, ele chamou o companheiro de boêmia em Vila Isabel, o cantor Luís Barbosa, por quem tinha grande admiração.

Em 1930, compôs sua primeira música, intitulada "Saldo a meu favor". No ano seguinte, teve sua primeira música gravada, "Para o samba entrar no céu", em parceria com Almirante e J. Rui e gravado na RCA Victor por Almirante e seu Bando de Tangarás.

Começou no rádio em 1932, trabalhando como *speaker* (locutor) no "Programa Casé", da Rádio Phillips, um dos grandes sucessos radiofônicos dos anos 30. Depois dessa sua participação, criou seu próprio programa, o "Talismã". Ainda em 1932, quando trabalhava no jornal "Mundo Sportivo", participou da organização do primeiro concurso de escolas de samba, patrocinado pelo jornal. Foi ainda nesse ano que compôs seu primeiro sucesso, "Formosa", em parceria com J. Rui, lançada pela primeira vez por Luís Barbosa no programa "Coisas Nossas" da Rádio Clube do Brasil e gravado na Odeon em dueto por Francisco Alves e Mário Reis e que foi um dos grandes sucessos do carnaval do ano seguinte.

Em 1933, mais três de suas marchas foram gravadas na Odeon por Francisco Alves, "Dois amores" e "Tipo sete", vencedora do concurso de carnaval daquele ano, parcerias com Alberto Ribeiro e "Maria Rosa", que também obteve sucesso naquele ano. Na letra dessa marchinha, o compositor cunhou a expressão "mulher fatal", usada até hoje em nosso vocabulário. Foi a partir dessa música que ele passou a se inspirar em temas operísticos para criar marchinhas carnavalescas. No livro "Nássara", de Isabel Lustosa, editado pela Relume Dumará, podemos encontrar nas palavras do próprio compositor a seguinte explicação para o recurso que dizia ter aprendido com Lamartine Babo: "Bastava o compositor descobrir uma melodia imortal, ritmá-la carnavalescamente e atirá-la no ouvido do povo. Com letra carnavalesca, é claro. (...) O povo, que estava condenado a só cantar marchinhas de melodias portuguesas, passou a solfejar melodias de Chopin, Mozart e até Wagner, que compareceu algumas vezes no carnaval carioca, sem receber um níquel de direito autoral ("Última Hora", abril de 1952)".

Em 1934, teve a marcha "Retiro da saudade", primeira parceria com Noel Rosa, gravada na RCA Victor em dueto por Carmen Miranda e Francisco Alves. Por meio do recurso de recorrer a melodias famosas, compôs "Coração ingrato" em 1935, em parceria com Erastóstenes Frazão, que acabou obtendo o primeiro lugar no concurso carnavalesco da Prefeitura naquele ano. A produção musical em 1935 foi pródiga: com Alberto Ribeiro a marcha "Você é quem brilha" e com Francisco Alves a marcha "Muito mais" gravadas por Mário Reis, a primeira na Odeon e a segunda na RCA Victor. E ainda com Francisco Alves gravou na RCA Victor a marcha junina "Meu São João", parceria com Orestes Barbosa e Aracy de Almeida e a marcha "Que baixo", com Noel Rosa.

Teve duas composições gravadas pela dupla Joel e Gaúcho em 1936, a marcha "Que Deus te

ajude", com Castro Barbosa, e o samba "Vou lhe pedir um favor", com Cristóvão de Alencar. Com o mesmo parceiro fez a marcha "Cuidado com essa morena!", gravada por Jaime Vogeler. Também em 1936, obteve sucesso com a marcha "A.M.E.I", gravada na RCA Victor por Francisco Alves que lançou também a marcha "Parei com elas", com Alberto Ribeiro, e o samba "Q que é que você quer mais", com Roberto Martins.

Em 1937, mais uma de suas composições foi gravada por Francisco Alves, a valsa "Porque você voltou", parceria com J. Rui. Fez com Rubens Soares a batucada "Batuque na cozinha", gravada pela dupla Joel e Gaúcho. Teve ainda os sambas "Você me paga o que fez" e "Nunca pensei", este com Rubens Soares, e a marcha "Só um novo amor", com E. Frazão, gravados por Aracy de Almeida na RCA. No ano seguinte, obteve grande sucesso com a música "Periquitinho verde", composta com Sá Róris, gravada pela jovem Dircinha Batista na Odeon. Um ano mais tarde, lançou com êxito o samba "Meu consolo é você", parceria com Roberto Martins, gravado por Orlando Silva na RCA Victor, que é considerado por boa parte da crítica um dos mais belos sambas da história da MPB.

Em 1939, Dircinha Batista gravou na Odeon a marcha "Acredite quem quiser", com E. Frazão, e Cyro Monteiro na RCA Victor o samba "Que vida é essa", com Roberto Martins. Nesse ano, a iniciante Emilinha Borba gravou o samba-choro "Faça o mesmo", com E. Frazão, considerado o primeiro registro solo da cantora.

Noel Rosa (o primeiro à direita) observa a cantora Marília Batista

Em 1940, mais quatro de suas composições foram lançadas por Dircinha Batista; o "Samba de Botafogo" e a marcha "Calma no Brasil", duas parcerias com E. Frazão, e a marcha "O forrobodó" e a batucada "Briga de marido e mulher", parcerias com Cristóvão de Alencar. Nesse período, outras duas parcerias com E. Frazão foram gravadas por Gilberto Alves, a marcha "Segredo em boca de mulher" e o samba "Um traço qualquer". Em 1941, o então iniciante Luiz Gonzaga gravou ao acordeão a valsa "Nós queremos uma valsa".

Ainda em 1941, teve três parcerias com Haroldo Lobo gravadas por Carlos Galhardo: a marcha "Aleluia" e o samba "Adeus, Araci" e o lançamento de um dos seus maiores sucessos, "Alalaô", com célebre orquestração de Pixinguinha, que acrescentou três ou quatro enxertos de sua autoria e usou o recurso de modular (para Lá maior) na sessão instrumental, dando-lhe mais brilho, mas retornando ao tom original (Sol maior), mais confortável ao intérprete. O próprio compositor e Carlos Galhardo se surpreenderam no dia da gravação, quando Pixinguinha trouxe o arranjo: "Pixinguinha tinha dividido a melodia em compassos marcantes, saltitantes, brejeiros, originais, vestindo-a com roupagem da alma popular. E eu tive uma sorte danada porque 'Alalaô' ficou sendo uma das músicas mais tocadas no carnaval. Das que fiz, foi a única música que me rendeu alguma coisa.", revelaria. No mesmo ano, Carlos Galhardo ainda lançou "Nós queremos uma valsa", parceria com Frazão. Foi uma novidade que agradou muito aos foliões e principalmente ao Rei Momo de então, o jornalista Morais Cardoso, que era gordo demais e mal podia dançar sambas e marchinhas mais agitados. Por iniciativa dele, a valsa acabou sendo sua música oficial naquele carnaval. Segundo o autor, "o Morais nunca teve um carnaval tão tranquilo".

No final da década de 1950, desiludido com os esquemas de comercialização do carnaval, diminuiu sua produção. Voltou a compor em 1968, lançando "O craque do tamborim", em parceria com Luís Reis. No mesmo ano prestou depoimento sobre sua vida ao MIS (Museu da Imagem e do Som) do Rio de Janeiro. Em 1972 voltou a trabalhar como desenhista, fazendo 12 capas dos LPs da série "No tempo dos bons tempos", da Phillips/Fontana. Já havia ilustrado capas de LPs, ssendo que o que mais se destacou foi o do disco "Polêmica", com caricaturas antológicas de Noel Rosa e Wilson Batista. Na década de 1970, colaborou no semanário carioca "O Pasquim". Sua obra como caricaturista foi tema do livro "Nássara desenhista", de Cássio Loredano, editado pela Funarte em 1985.

Na década de 1980, foi homenageado na série Carnavalesca, da Sala Funarte/Sidney Miller, com o espetáculo "Alalaô", escrito e dirigido por Ricardo Cravo Albin e no qual sua obra foi apresentada por ele mesmo em palco e cantada por Carlos Galhardo e Marília Barbosa. Em 1990, outra homenagem, uma exposição montada no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), onde foi objeto de caricaturas feitas por jovens talentos da área, realizada no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Em 1996 ilustrou o livro infantil "Moça perfumosa, rapaz pimpão", de Daniela Chindler, que não chegou a ver publicado, pois faleceu antes.

Em 2010, será a vez de o cartunista Chico Caruso homenagear o colega de profissão. "Caruso prepara um show imperdível em homenagem a Nássara", antecipa Cravo Albin. E m 2011, podem esperar por mais homenagens: será o ano do centenário de Mario Lago.

É DANDO QUALIDADE QUE SE RECEBE RECONHECIMENTO.

A Light acaba de receber do Instituto Brasileiro de Relações com o Cliente o Selo LAC por sua excelência no atendimento prestado a seus clientes.

Uma conquista que mostra a busca constante da Light pela qualidade em todos os seus serviços. A partir de agora, quando você vir este selo em uma de nossas lojas, pode ter certeza de uma coisa: a Light é uma empresa amiga do cliente.

Light. A primeira distribuidora de energia elétrica do Brasil a receber o SELO LAC – Loja Amiga do Cliente.

O RIO **É LIGHT**

www.light.com.br

Chegou o general da banda

POR JULIA SANTHIAGO

Reza a lenda que Otávio Henrique de Oliveira, um negro alto, de longo topete, voz poderosa e dono de um sorriso escancarado de 72 dentes, sempre aparecia no estúdio da Rádio Difusora de São Paulo quando faltava luz – o que era comum no fim dos anos 1940, em pleno pós-guerra. O famoso radialista Ariosvaldo Pires, conhecido como Capitão Furtado, aproveitou a coincidência e não perdeu a piada, batizou-o de Blecaute, verbete alentado no Dicionário Cravo Albin da MPB. Foi a pedra fundamental para a carreira do sambista deslanchar, vindo a tornar-se, mais tarde, uma lenda do carnaval carioca.

Dicção perfeitamente clara, empático, sorridente e sambista autêntico, veio para o Rio de Janeiro ainda no fim dos anos 1940, contratado pela Rádio Tamoio. Carnaval sem Blecaute não era carnaval. Durante os anos 1950 e parte dos 1960, ele encarnou uma das figuras mais queridas e folclóricas da festa: o General da Banda, nome do samba homônimo de Tancredo Silva, Sátiro de Melo e José Alcides, que o fez despontar no carnaval de 1949, e que foi transformado em personagem pelo seu principal intérprete. Um dado curioso sobre a música, que também teve gravação de Linda Batista, é que era inspirada em um ponto de macumba. A música foi tão marcante em sua carreira que, anos mais tarde, ele a apresentaria num show com Ney Matogrosso.

Ele incorporou de tal forma o personagem que se vestia com uma farda engalanada, com direito a alamares e dragonas, como a dos regentes de bandinhas do interior do país, e passou a integrar, a cada ano, a corte da folia ao lado do Rei Momo, da rainha, das princesas e do Cidadão do Samba. Durante o tríduo momesco, ele divertiu muitas gerações cantando "Maria Candelária", "Papai Adão", "Maria Escandalosa", "Dona Cegonha", "Rei Zulu", entre outras.

Mas o General da Banda não ficava restrito ao carnaval, durante o período natalino, desfilava pelas ruas do Rio fardado ao lado dos meninos da Casa do Pequeno Jornaleiro. Tendo ficado órfão bem cedo, Blecaute entendia bem o sentimento da meninada durante esse período especial, tanto que acabou por compor "Natal das Crianças" que, junto com "Boas Festas", de Assis Valente, eram as músicas mais cantadas durante o Natal.

No Rio, depois do sucesso meteórico, logo seria contratado pela Rádio Nacional, onde faria parte do primeiro time da emissora, ao lado de Emilinha, Marlene e Jorge Veiga. Era popularíssimo no Programa César de Alencar, no qual ficou até 1973. Em 1950, outro grande sucesso, dessa

Depois do sucesso meteórico, Blackout logo seria contratado pela Rádio Nacional, onde faria parte do primeiro time da emissora, ao lado de Emilinha, Marlene e Jorge Veiga

Em 1968, o ex-engraxate e vendedor de jornais do Largo Paissandu era uma das estrelas do show "Carnavália", com direção de Paulo Afonso Grisoli e Sidney Muller, no Teatro Casa Grande, ao lado de Marlene, Nuno Roland e Eneida, que virou dois LPs editados pelo MIS e produzido por RC Albin

vez com um samba de protesto, "O Pedreiro Waldemar", de Roberto Martins e Wilson Batista, um dos primeiros do gênero. De forte cunho social, a letra é lembrada até hoje: "Você conhece o pedreiro Waldemar?/Não conhece?/ Mas eu vou lhe apresentar/De madrugada toma o trem da Circular/ Faz tanta casa e não tem casa prá morar".

Em 1968, o ex-engraxate e vendedor de jornais do Largo Paissandu, era uma das estrelas do show "Carnavália", com direção de Paulo Afonso Grisoli e Sidney Muller, no Teatro Casa Grande, ao lado de Marlene, Nuno Roland e Eneida. O espetáculo foi gravado ao vivo pelo Museu da Imagem e do Som (MIS), que resultou em dois LPs, com capas feitas pelo pintor Luiz Jasmim e produzidos por Ricardo Cravo Albin.

Blecaute teve rápida passagem pela televisão, durante o ano de 1962, em programas produzidos por Péricles do Amaral, na TV Rio, onde se apresentava ao lado de Gasolina, Tião Macalé, Monsueto Meneses e outros, mas brilhou nos filmes da Atlântida, atuando e cantando ao lado de Oscarito, Carmem Miranda e do Bando da Lua.

Homem de grande charme e simpatia, Blecaute teve muitos filhos. Tem herdeiros no México, Argentina e Estados Unidos, países por onde excursionou como cantor. Nos Estados Unidos seu sucesso foi ainda maior por sua semelhança com Nat King Cole, com quem, aliás, se apresentou em um cassino em Las Vegas.

Boêmio que era, frequentava a Lapa assiduamente ao lado de Geraldo Pereira, Wilson Batista e outros bambas. Aos 63 anos, à véspera do carnaval, em nove de fevereiro de 1983, seu coração parou de bater e ele não realizou seu grande sonho de gravar um disco só com os sucessos dos seus 30 anos de carnaval.

Quando o tempo fecha, é importante saber onde vai chover.

NEGÓCIOS & FINANÇAS

Relatório Reservado

Aqui a notícia chega antes.

Relatório Reservado, especializado em economia do mercado brasileiro.

O RR não tem participação em empresas, não gerencia fundos.
Nossos analistas trabalham para você, leitor, investidor, com
a independência dificilmente encontrada em outras fontes.

www.relatorioreservado.com.br

Palco de letras

por **Mônica Sinelli**

Nossa viagem começa por Dallas (EUA), passa por França, Paris, Bahia, Argentina e Paraná, até chegar aos costados do Rio de Janeiro. Mistura cantoria, literatura, poesia, miniaturas e teatro nas suas mais variadas e profundas acepções. Raras vezes o encontro de duas almas produziu uma amálgama tão uniforme e esfuziante. Em relação ao casal perfilado abaixo é bom que se diga que talento e carinho caminham alternadamente um na frente do outro. E a ordem dos fatores não altera uma vírgula do encantamento. Confiram.

O mineiro Sábato Magaldi e a catarinense Edla van Steen cruzaram seus caminhos pessoais e artísticos há 32 anos. A dupla assina uma caudalosa lista de realizações em prol da cultura brasileira — ele, historiador e o principal crítico teatral do país; ela, autora premiada com mais de 20 livros publicados, entre contos, romances, peças e entrevistas. Estabelecidos em São Paulo, o casal, desde que Sábato foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1994, vive 15 dias no Rio, mensalmente, num apartamento no Posto 5, em Copacabana. "Não está longe o dia em que pretendemos morar no Rio, em definitivo", acena Edla. "Adoramos a cidade. Vamos muito às conferências da ABL, ao cinema e ao teatro. Temos um grande número de amigos, que curtimos convidar para casa."

É ela, filha de pai belga e cônsul-honorário em Florianópolis, quem começa a contar a trajetória dos dois, que se casaram em Paris, no consulado brasileiro, quando ele foi dar aulas na Sorbonne. "Minha mãe gostava de ler Stefan Zweig, quando conheceu meu pai. Ela era Wendhausen de solteira, família antinazista, numa cidade onde predominava a colonização alemã. A língua germânica era falada em casa, nas ruas, nas escolas. Comerciantes ricos, os Wendhausen marcaram presença em Santa Catarina. Fundaram escolas e hospitais, participaram da vida política do estado. Como inúmeras outras famílias alemãs ilustres, possuíam extensas propriedades em Itajaí, Blumenau e Florianópolis. Hoje, pouco resta da enorme influência alemã na arquitetura e nos hábitos catarinenses. Meus pais se separaram quando eu ia fazer 6 anos. Minha irmã e eu fomos estudar no internato de freiras francesas

TEATRO VIVO
SEVEN PLAYS

— Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Cajuru, Curitiba. Os livrinhos água com açúcar permitidos estimulavam a minha imaginação e eu escrevia, além das minhas, redações para as colegas."

Fazer de conta

A futura escritora — que viria a ser agraciada, entre outros, com os prêmios Molière e Mambembe de melhor autor e Troféu Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de revelação de autor por 'O último encontro'; Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras e Nacional Pen Club, por 'Madrugada'; e Nestlé de Literatura Brasileira, categoria autor consagrado, por 'Cheiro de amor' — deixou o internato aos 15 anos. "Não escolhi o emprego, foi o primeiro que apareceu: eu devia fazer radiofonização de cartas. Uma de minhas colegas me indicou para o pai, dono de uma rádio. As cartas, simples e diretas, eram transformadas em diálogos, que seriam emocionalmente reforçados pela minha interpretação, pela música e pelos ruídos ambientais. A emoção do programa, diário, dependia, e muito, do humor, da capacidade de improvisação, do meu sentimento pessoal: atuando, eu era o elemento de ligação entre o texto escrito e o representado. Não escondo que nem sempre chegavam cartas à rádio, e eu era obrigada a inventar problemas e situações — fazer de conta. Foi quando percebi que a 'mentira' podia ser uma forma de 'verdade'. A juventude e os parcos conhecimentos literários me impediam de ter consciência disso, mas admito que eu tinha alguma intuição. Depois, fui trabalhar numa revista de qualidade mais do que duvidosa, pois eu a escrevia toda, a crônica social — com pseudônimo, evidentemente —, as notas de falecimentos, o cantinho literário, o horóscopo, o noticiário artístico. As circunstâncias me treinavam a pensar com palavras", explica.

Edla lembra que tentou várias formas de expressão ao longo da vida — o teatro e o cinema, como atriz e roteirista, a redação de publicidade e a galeria de arte —, até se dedicar exclusivamente à literatura. Teve quatro livros publicados

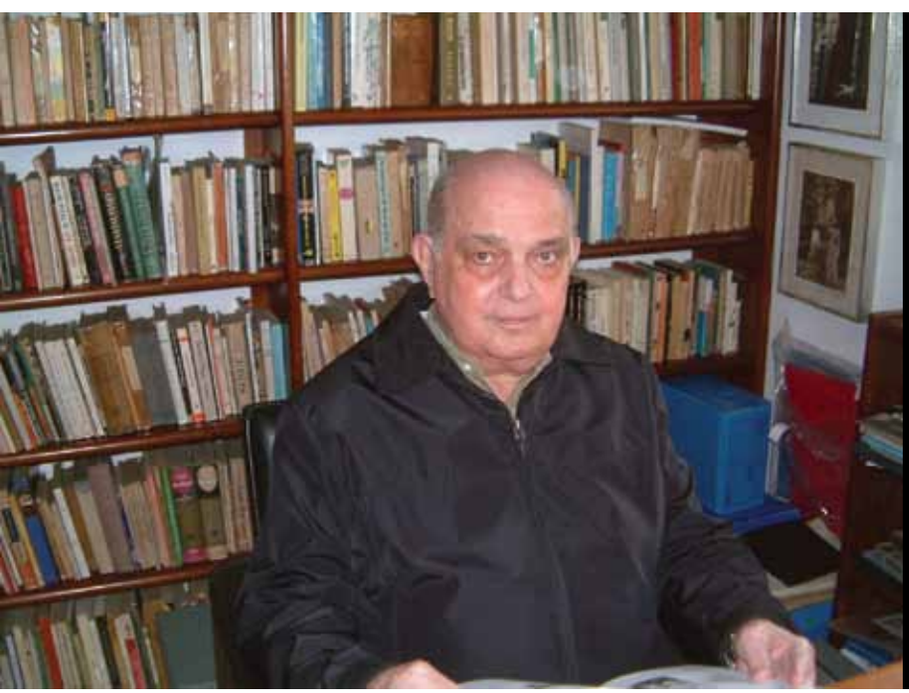
"Fui trabalhar numa revista de qualidade mais do que duvidosa, pois eu escrevia a crônica social, as notas de falecimentos, o cantinho literário, o horóscopo, o noticiário artístico. As circunstâncias me treinavam a pensar com palavras"

Edla van Steen

nos Estados Unidos, com tradução de David George, que mereceram excelentes críticas: 'Village of the Ghost Bells', 'A Beg of Stories', 'Early Morning' e 'Scent of Love'. É a autora de 'Viver & escrever', uma série de três volumes, reunindo 39 depoimentos de grandes nomes da literatura brasileira de diversas gerações. "Andei algum tempo em crise com a minha literatura. Tinha tanta dificuldade para escrever, fazia tantas e intermináveis versões, sofria com uma rinite alérgica a papel, problemas na coluna... Por que e para quê? Infelizmente, sou grafomaníaca. Não consegui não escrever. Leitora assídua dos autores da literatura brasileira contemporânea, resolvi entrevistá-los. Das 100 entrevistas programadas, consegui fazer apenas 39, em três volumes, que saíram em livros de bolso, pela L&PM. Eu levava minha máquina Lettera 22, portátil. E datilografava enquanto os autores falavam, para que não tivessem dúvidas ou quisessem refazer as perguntas. Algumas entrevistas duravam dois dias. Um caso tocante? Geraldo Ferraz me comoveu. Ele estava lançando o livro de contos "Km 63". No meio da conversa, disse-me que aquele era um livro póstumo. E, diante do meu espanto, explicou: 'morri em 1962' (ano do falecimento de Patrícia Galvão, sua primeira mulher, com quem tinha lançado o volume duplo 'Doramundo' e 'A Famosa Revista'). Os 20 anos posteriores, sem ela, não representavam nada para ele. Alguma coisa engraçada? Fernando Sabino confessando que não mandava um simples bilhete, sem antes fazer umas quatro versões".

uma espécie de transe

Hoje, ela dirige oito coleções literárias na Global Editora. São mais de 200 volumes. "Cada vez que recebo um livro dessas coleções me emociono. 'Melhores Poemas', 'Melhores Contos', 'Melhores Crônicas', 'Roteiro da Poesia Brasileira' (em 15 volumes), entre outras, infanto-juvenis. Sou um ser coletivo e dirigir as coleções me permite o convívio diário com profissionais e amigos que adoro convidar para minha casa, e eu mesma



"Sempre tive paixão pelo Rio desde que o conheci, quando era menino e participei de uma excursão com a minha escola. E aproveito tudo o que tem de melhor nele. Desculpe: quem não tem não sabe o que perde"

Sábato Magaldi

faço a comida. Estou terminando um novo livro de contos. Quando não escrevo, faço miniaturas. São caixas/cenários/vitrines. A casa de Beaudelaire, de Oscar Wilde, de Karajan. O bar do Chico Buarque, bibliotecas, galerias de arte. É a minha comunicação não-verbal." Como se tudo isso não bastasse, ouvimos dizer que Edla gosta muito de cantar. "Verdade. Anos atrás fundei, no Rio, com amigos que gostavam de cantar, o grupo Chuveiro Iluminado, que, depois, se chamou Cantores de Chuveiro. Como não pude participar do show, convidei amigos das mais variadas profissões, em São Paulo, e organizamos o grupo Sem Compromisso. Fizemos dois shows. O primeiro no Bar São Francisco e o outro, no Passatempo. Uma brincadeira deliciosa. Eu cantava Lupicínio Rodrigues, Maysa, Noel Rosa, Antonio Maria..."

E o que representa a escrita na vida dessa mulher de múltiplas atividades? "Tudo. Uma forma de conhecimento. Acho que, ao escrever, entra-se numa espécie de transe. Deixa-se a emoção solta. Ou seria a memória? Minha, dos outros? É preciso não ter medo da imaginação. Às vezes, ao reler um texto antigo, levo verdadeiros sustos: eu escrevi isso? O exercício da fantasia é a grande surpresa, a grande fruição. Cada personagem com a sua sintaxe. Não a marca do escritor, mas a sua própria maneira de ser. Em cada conto uma linguagem diferente: nunca me preocupei em ter o meu 'estilo'. Sempre dei preferência a encontrar alguma coisa coerente com o personagem ou a situação. Sou escritora há quase 50 anos. Todos os meus amigos hoje são da área literária/artística. A literatura me aproximou do homem que eu amo e é meu marido."

Fonte de excelência

E que marido! Sábato Antonio Magaldi é referência nº 1 no Brasil quando a pauta é teatro. Crítico, teatrólogo, jornalista, professor, ensaísta, historiador, ex-secretário da Cultura de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Letras, é professor titular de História do Teatro Brasileiro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Lecionou, ainda, durante quatro anos nas universidades francesas Paris III (Sorbonne Nouvelle) e de Provence. "Fui aluno, na Sorbonne, de Etienne Souriau, que já

Marcos Magaldi, Anna van Steen, Ricardo van Steen, Lea van Steen, Edla van Steen e Sábato Magaldi

A atmosfera impregnada de paixão pela arte produzida por Sábato e Edla oxigenou corações e mentes de seus herdeiros...

havia lecionado no Brasil e era um professor de me produzir inveja. Guardo o maior respeito por ele", afirma. E rebobina: "A origem de minha família é italiana. Meus avós maternos eram de Verona e meu pai, de San Costantino di Rivello — província de Potenza. Meu pai era sócio de uma loja de ferragens, em Belo Horizonte. Minha mãe era de São João Del Rey. Estudei numa escola italiana, em Belo Horizonte, onde nasci, e nela comecei a adorar o teatro. Formei-me em Direito em Minas Gerais e vim para o Rio de Janeiro trabalhar na administração pública nos anos 50." (Obs: no Departamento de Assistência do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, em que era companheiro de trabalho de Cyro dos Anjos, cuja cadeira na ABL viria a ocupar quase meio século depois.) "Sempre tive paixão pelo Rio desde que o conheci, quando era menino e participei de uma excursão com a minha escola. E aproveito tudo o que tem de melhor nele. Desculpe: quem não tem, não sabe o que perde", brinca.

Sábato Magaldi foi crítico teatral do Diário Carioca de 1950 a 1953, ano em que obteve o certificado de Estética da Sorbonne, com bolsa de estudos concedida pelo governo francês, e se transferiu para São Paulo, lecionando História do Teatro na Escola de Arte Dramática. Redator do jornal O Estado de S. Paulo, de 1953 a 1972, tornou-se, em 1956, titular da coluna de Teatro de seu suplemento literário. Atuou como crítico teatral do Jornal da Tarde desde sua fundação, em 1966, até 1988. Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, desde 1970, fez livre-docência na instituição com a tese Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações, que virou livro. Foi um dos grandes organizadores da obra do dramaturgo, classificando suas peças segundo tema e gênero (Tragédias Cariocas, Peças Míticas e Peças Psicológicas). "Éramos, sem dúvida, muito amigos, embora eu não concordasse com as crenças políticas dele", ressalva o crítico. Sua produção literária inclui títulos como 'Panorama do Teatro Brasileiro', 'O Cenário do Avesso', 'Depois do Espetáculo' e 'Teatro da Ruptura: Oswald de Andrade', leituras obrigatórias para o entendimento do processo evolutivo da arte cênica no país.

...Marcos Magaldi é fotógrafo, Lea van Steen dirige curtas e documentários, Anna van Steen é maquiadora de cinema, teatro e televisão e Ricardo van Steen, diretor do filme 'Noel Rosa - o poeta da Vila" envereda-se em atuação multimídia

uma forma superior de olhar a vida

A lista de condecorações de Magaldi é de tirar o fôlego. Entre os mais diversos prêmios — como Jabuti, Molière, Mambembe e Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra —, destacam-se ainda, os títulos honoríficos de Chevalier des Arts et Lettres e de Chevalier de l'Ordre National du Mérite, concedidos pelo governo francês. Diante de uma estrada tão intensamente percorrida, caberia indagar: na ótica da sumidade da linguagem dos palcos — sobre a qual se debruça há mais de meio século —, em que consistiria, afinal, a dimensão do teatro na observação e compreensão do homem? "Pergunta difícil de responder. Penso que o teatro é uma das formas superiores de entender a existência

humana. É trágica, sem dúvida, essa existência, mas o teatro é um caminho para superá-la. Comédia, se ela existe, serve para que não se leve a vida tão a sério", analisa. E quanto à sensação de ser um imortal? "Acho graça na pergunta. Mas não me considero imortal, e sim alguém que não está longe da morte. Quero trabalhar, enquanto for possível. E escrever algo que valha a pena", conclui, modesto.

A atmosfera impregnada de paixão pela arte produzida por Sábato e Edla oxigenou corações e mentes de seus herdeiros. Marcos Magaldi é fotógrafo, Lea van Steen dirige curtas e documentários, Anna van Steen é maquiadora de cinema, teatro e televisão (fez a caracterização de Dalva e Herivelto, minissérie da TV Globo) e Ricardo van Steen envereda-se em atuação multimídia. Cineasta (lançou seu primeiro longa-metragem Noel – Poeta da Vila, em 2006), fotógrafo e artista gráfico, é Ricardo (filho de Edla) quem relata: "Esse ambiente influenciou tremendamente meu caminho profissional. Quando eu tinha 7, 8 anos, a turma que me lembro de ver na mesa de casa era composta por Fernando Henrique Cardoso, Geraldo Vandré, José Artur Gianotti. Aos 10, convivia com Wesley Duke Lee, Marcelo Grassmann, Milton DaCosta, Di Prete, Aguilar, Amélia Toledo, Maria Bonomi. O pessoal enchia a minha bola, dizendo que eu desenhava muito bem, que era um artista e deveria levar isso a sério. Resultado: minha primeira exposição individual aconteceu aos 11 anos, na galeria da minha escola de inglês. Minha carreira começava ali".

Ricardo revisita o encontro de sua mãe com Magaldi. "Quando Edla e Sábato começaram a sair juntos, minha vida foi deliciosamente invadida pelo meio teatral: Raul Cortez, Sergio Mamberti, Ruth Escobar, Eva Wilma, Irene Ravache...Passei a prestar atenção nos atores. Logo que iniciei o trabalho como *designer*, certamente por conta das relações familiares, surgiu um cliente do Rio de Janeiro – Luís Carlos Barreto. Ele queria que eu lhe fizesse uns cartazes, me colocou pra ver filmes na moviola enquanto o diretor os montava, e eu enlouqueci com aquilo. Resolvi que o cinema era tudo. Esse aquecimento cerebral de conversas na casa de Edla foi tão variado e intenso para a minha carreira que nunca consegui fazer uma opção definitiva: hoje desenho, pinto, fotografo, cenografo, diagramo, escrevo e filmo". E conclui seu depoimento emocionante: "Edla sempre foi a minha principal ligação com o mundo. Nas inúmeras viagens em que me carregou, para todo lado, construí meu repertório, aprendi a escolher do que gostar, como me portar, me apresentar, interagir. Nos almoços e jantares que ela faz com tanto carinho e dedicação para os amigos, sistematicamente duas vezes por semana, teci toda minha teia de relacionamentos e meu universo de interesses. Aprendi com ela a dizer sempre a verdade, doa a quem doer. Colhi, como ela, os frutos dessa atitude. Muitos saborosos e bonitos, uns poucos azedos e amargos.

O Sábato entrar na nossa vida foi um presente, porque trouxe consigo o interesse pela Justiça, pela crítica e a mineirice, ou melhor, a sabedoria política. Nunca o vi inflamar-se com alguém em mais de 30 anos de convivência. Só o presenciei colocar muito serenamente suas ideias e ajudar, com uma paciência e uma preocupação únicas, quem quer que fosse a encontrar a solução mais razoável para o seu problema. Mas é bom lembrar que ele também tem fama de durão. Soube que uma vez, bem no meio de uma redação, com mais de 200 pessoas trabalhando, deu um chute no traseiro de um colega que blasfemou contra ele num artigo. Achei aquilo um gesto memorável, um exemplo a ser preservado", arremata Ricardo. Mas sem perder a ternura que habita Sábato, por suposto...

Música e comunicação corporativa podem ser uma coisa só.

Tudo depende de quem toca o instrumento.

Insight

Rio de Janeiro • Rua Sete de Setembro, 71 - 14º andar • Centro • Rio de Janeiro, RJ • CEP 20050-005 • Tel: (21) 2509-5399
São Paulo • Rua Bela Cintra, 746 - Conjunto 71 • Consolação • São Paulo, SP • CEP 01415-002 • (11) 3284-6147

www.insightnet.com.br

O rádio que virou revista

por **Vera de Souza**

O Brasil e, em particular o Rio de Janeiro, viveu entre os anos 1940 e 1950 uma gloriosa era do rádio com o *boom* das emissoras Nacional, Mayrink Veiga e Tupi. Foi a época em que famílias inteiras se postavam à frente do rádio em busca de informação e deleite. Para se ter uma ideia da popularidade do veículo, apenas 30% da população tinham geladeira, mas 70% possuíam um rádio. O auditório da Rádio Nacional pegava fogo quando as torcidas organizadas de Marlene e Emilinha se defrontavam pelos corredores do Edifício A Noite. Essa gente toda lia uma mesma revista. Adivinhem qual?

Mesmo que muitos não conhecessem os rostos dos seus ídolos, as vozes que chegavam aos lares despertavam nos ouvintes arroubos de paixão e ira. Apostando na irresistível curiosidade dos fãs sobre as estrelas do rádio, o jornalista e escritor de novelas Anselmo Domingos criou em fevereiro de 1948 a "Revista do Rádio". Nos 22 anos seguintes a publicação, que teve mais de mil edições, agitou o mercado editorial brasileiro e era disputada a tapas em frente às bancas.

A fama pôde ser medida no carnaval de 1958, quando o maior sucesso daquele ano foi a marchinha "Fanzoca do rádio", composta por Miguel Gustavo e interpretada pelo palhaço Carequinha, que retratava as "macacas de auditório", expressão criada pelo crítico Nestor de Hollanda: "Ela é fã da Emilinha /Não sai do César de Alencar/ Grita o nome do Cauby/E depois de desmaiar/Pega a Revista do Rádio/ E começa a se abanar."

De estilo bem popular, a revista ia além das fofocas e trazia informações sobre o meio radiofônico brasileiro. As reportagens não se restringiam à vida dos cantores. Os radioatores, os locutores, as vedetes e os humoristas também tinham vez na publicação. Mas os ávidos leitores podiam saber na seção "Pelo buraco da fechadura" qual o dentifrício, o aparelho de hi-fi, o fogão ou a colônia preferida dos astros. Antecipando as atuais revistas de celebridades, a publicação tinha entre suas 50 páginas a seção "Minha casa é assim", na qual as estrelas abriam as portas de suas residências para mostrar como e onde viviam. No livro publicado em 2001 pelo jornalista Rodrigo Faour sobre a "Revista do Rádio" ele reproduz um texto de Dóris Monteiro descrevendo sua casa.

Revista do Rádio

"Eis o meu quarto, que é pintado na cor verde-pálido. O telefone é branco e o abajur, dourado com cúpula verde. O quadro acima da cama representa a Bela Adormecida e foi adquirido na Itália. Esse é o guarda-vestidos, como os outros móveis em estilo moderno e funcional, sobre o qual se encontra minha coleção de pelúcia."

Para criar a revista, Anselmo Domingos contou com o apoio financeiro de China, famoso bicheiro do bairro da Saúde. Anselmo era uma figura controvertida. Católico fervoroso, era congregado mariano e vivia em permanente conflito entre um moralismo exacerbado e sua homossexualidade. Assuntos mais complexos eram tratados na revista com extremo cuidado. Homossexualismo não existia, desquite também era outro tabu, artistas que tinham relações mais íntimas eram descritos como noivos e assim por diante. O máximo permitido eram as fotografias ousadas, como as de Ângela Maria de maiô ou Emilinha numa roupa decotada. O enfoque das reportagens seguia por temas como "é artista, mas também é mãe", para evidenciar uma vida familiar. Um exemplo clássico foi a entrevista com a vedete Elvira Pagã — adepta do nudismo — que trazia uma série de fotos da atriz (vestida) em sua casa. O máximo de ousadia ficou por conta de Elvira enrolada em uma toalha mostrando o seu banheiro.

Ocupando o segundo lugar em vendas, só ultrapassada pelo O Cruzeiro, a Revista do Rádio em seu segundo ano já chegara a uma tiragem de 50 mil exemplares

O carro-chefe da revista era, além da rivalidade entre Marlene e Emilinha Borba (acima), a coluna de *gossips* "Mexericos da Candinha". Foi uma criação da redação e acabou se tornando sinônimo de fofoqueira e até tema de um sucesso da Jovem Guarda

ARI BARROSO CONFESSA:

—PORQUE SAÍ DA TUPI

Desfêz-se o trio (Ari, Aldo Viana e Scassa) que durante tanto tempo comandava as transmissões esportivas da TV-Tupi. Ari voltará aos esportes, pelo vídeo, pela própria Nacional.

REVISTA DO RÁDIO

TÔNIA CARRERO

usa Lever - o melhor sabonete do mundo!

Para assegurar sua posição privilegiada junto a 9 entre 10 "estrêlas" do cinema e milhões de fãs em todos os países, Lever precisa manter-se como o melhor sabonete do mundo. Esta é a razão porque sua fórmula é constantemente enriquecida com novos elementos que o tornam cada vez melhor.

Além da brancura – que demonstra pureza, do perfume delicado e da espuma abundante, Lever apresenta agora, em sua NOVA FÓRMULA, a vantagem de uma durabilidade excepcional.

SABONETE

Agora usado também pelas ... do Brasil

Os ávidos leitores podiam saber na seção "Pelo buraco da fechadura" qual o dentifrício, o aparelho de hi-fi, o fogão ou a colônia preferida dos astros

BURACO da Fechadura

REVELAÇÕES DE UM REPORTER INDISCRETO

Ocupando o segundo lugar em vendas, só ultrapassada pelo O Cruzeiro, a Revista do Rádio em seu segundo ano já chegara a uma tiragem de 50 mil exemplares. E as estrelas que mais estiveram em suas páginas foram Marlene, Cauby Peixoto, Ângela Maria e Emilinha Borba, deuses de um verdadeiro Olimpo que podiam ser conhecidos pelos simples mortais.

A revista também adorava alimentar uma boa polêmica. O alvo eram as famosas rixas entre Emilinha e Marlene, Ângela Maria e Maysa, Jorge Veiga e Moreira da Silva que, claro, aumentavam a vendagem.

O carro-chefe da revista era, sem dúvida, a coluna de *gossips* "Mexericos da Candinha", coordenada pelo ferino jornalista Max Gold. A figura lendária de uma mulher que aparecia num desenho em bico de pena no alto da coluna, era fictícia. Foi uma criação da redação e acabou se tornando sinônimo de fofoqueira e até tema de um sucesso da Jovem Guarda, composta por Roberto

e Erasmo Carlos, "Mexerico da Candinha", que diz "A Candinha vive a falar de mim em tudo/Diz que sou louco, esquisito e cabeludo".

Mesmo assim, alguns artistas ligavam para a redação querendo reclamar com a Candinha sobre alguma nota que tivesse lhes deixado mal. Nada comparado com as fofocas de hoje. O tom da coluna era quase inocente, como se pode avaliar por essas notas: "Maysa e Ângela continuam se odiando cordialmente" ou "Esse Humberto Teixeira tem cada uma! A última foi uma festa que ele promoveu lá nos cafundós da Gávea, perto da Vista Chinesa, uma festa de noite até de madrugada, e onde rolou de tudo! Basta dizer que lá pelas tantas a ordem era reviver os tempos de Adão e Eva! E olhem que muita gente importante estava presente... Esse Humberto!"

Com capas chamativas com a Rainha do Rádio, o Rei da Voz, o Caboclinho Querido, a Revista do Rádio circulou até 1970 e não se limitou às empregadas domésticas, como diziam. As madames, envergonhadas, pediam que suas empregadas fossem à banca comprar e se deleitavam com a leitura.

O fim dessa gloriosa publicação, em 1970, deixou muitas saudades e hoje é documento de um momento único vivido no país, o da era do rádio.

Terezinha e sua mamãe, Elizete Cardoso, com a noiva, após a cerimônia religiosa.

CASAMENTO DA FILHA DE ELIZETE CARDOSO

DIÁRIO DE EMILINHA

TERNURA

EMOÇÃO

SAUDAÇÃO

A revista adorava alimentar uma boa polêmica. O alvo eram as famosas rixas entre Emilinha e Marlene, Ângela Maria e Maysa, Jorge Veiga e Moreira da Silva que, claro, aumentavam a vendagem

Graça e leveza fazem a diferença em qualquer circunstância.

Mas tudo melhora se você tem o par perfeito.

Insight

Rio de Janeiro • Rua Sete de Setembro, 71 - 14º andar • Centro • Rio de Janeiro, RJ • CEP 20050-005 • Tel: (21) 2509-5399
São Paulo • Rua Bela Cintra, 746 - Conjunto 71 • Consolação • São Paulo, SP • CEP 01415-002 • (11) 3284-6147

www.insightnet.com.br

Amigo é o escambau!

por Monica Ramalho

Enquanto toneladas de fogos comemorarem a chegada de 2012, alguém há de se lembrar do suicídio do cartunista Péricles de Andrade Maranhão, ocorrido 50 anos antes. Para quem ainda não ligou o criador à criatura, uma dica: foi ele quem desenhou o personagem mais popular do Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Outra ajudinha: era um garçom com os traços semelhantes aos do compositor Lamartine Babo e olhos grandes, de peixe morto, que caprichava na quantidade de gumex no cabelo e não pensava duas vezes na hora de mandar uma piada arrasadora, capaz de desmanchar qualquer laço de afeição. Agora ficou fácil? Sim, acertou! Estamos falando do legendário Amigo da Onça. Ídolo de outros gênios do traço como Chico Caruso e Cássio Loredano.

Politicamente incorreto, sarcástico beirando a maldade, com aquele ar superior de quem está sempre armando o bote, o Amigo da Onça era, ainda assim ou por isso mesmo, irresistível. Foi criado em 1943, quando o pernambucano iniciava a vida no Rio de Janeiro, para onde se mudou no ano anterior, aos 17, a fim de arriscar um emprego na cidade. Bateu direto na redação de O Cruzeiro, cheia de conterrâneos. "Péricles tinha a mesma idade de um jovem contínuo e gráfico, que trabalhava na fotografia: Millôr Fernandes era seu nome, e já escrevia textos na publicação, além de traduzir quadrinhos e pequenos contos", situa o também cartunista Chico Caruso, autor da peça 'O amigo da Onça',

Lamartine Babo

que estreou em 1987 no Teatro Dulcina, Centro do Rio.

Caruso diz que Péricles e Millôr compartilharam uma página dupla na revista, com cartuns do primeiro e, naturalmente, escritos do segundo. No entanto, "como o desenhista não era muito pontual nas entregas, Millôr começou a fazer suas ilustrações, o que acabou dando no Pif-Paf e todo o sucesso que veio depois". Só que cada um tem o seu lugar na história e a arte de Péricles influenciou o trabalho de muitos artistas. Cássio Loredano, um dos mais conceituados caricaturistas do país, por exemplo, conheceu e se encantou com a obra de Péricles quando ainda usava calças curtas e, na

Toda semana, meu pai chegava em casa com O Cruzeiro debaixo do braço. Lembro bem que ele abria direto na página do Amigo da Onça e gargalhava furiosamente. Eu procurava achar graça naquilo, mas não entendia nada porque era piada para adultos"

Cássio Loredano

No auge do personagem, em meados dos anos 50, realizaram uma pesquisa entre os leitores de O Cruzeiro para descobrir quais eram as editorias mais lidas. Deu Amigo da Onça na cabeça

verdade, não compreendia sozinho os recados que o cartunista mandava.

"Aprendi humor com ele, através da Dona Leda, minha mãe. Papai era militar e vivíamos sendo transferidos para os mais remotos lugares do planeta. Toda semana, meu pai chegava em casa com O Cruzeiro debaixo do braço. Lembro-me bem que ele abria direto na página do Amigo da Onça e gargalhava furiosamente. Eu procurava achar graça naquilo, mas não entendia nada porque era piada para adultos. Então, com a maior boa vontade do mundo, assim que o papai largava a revista, minha mãe sentava ao meu lado e me explicava tudo direitinho", recorda Loredano. Mas de onde veio a inspiração para criar um personagem com a alma tão galhofeira?

É Chico Caruso quem conta: "Ao Péricles, encomendaram um personagem que se espelhasse no famoso 'El inimigo del hombre', de uma revista argentina, que, por sua vez, fora influenciado por uma publicação americana,

Esquire talvez, e que se chamava 'The enemy of man'. Em sua pesquisa, num bar, Péricles viu um garçom muito chato, que tudo queria saber e tal e coisa, e teve o estalo: é ele! A partir daí, fez o Amigo da Onça, só comparável em popularidade, anos depois, aos personagens de Henfil e, mais recentemente, aos de Angelli, Laerte e Glauco".

No auge do personagem, em meados dos anos 50, realizaram uma pesquisa entre os leitores de O Cruzeiro para descobrir quais eram as editorias mais lidas. Você não vai ficar surpreso ao saber que deu Amigo da Onça na cabeça — e com margem de folga! Na ocasião, provavelmente a charge já havia sido promovida à área, digamos, mais nobre da publicação: a parte de dentro. O objetivo era fazer com que as pessoas comprassem a revista, que, em princípio, estampava os cartuns de Péricles na capa e na contracapa, facilitando a leitura no próprio jornaleiro. Além de arrancar risadas dos leitores, o Amigo da Onça foi usado para fazer crítica social, descendo o sarrafo em instituições sagradas, como o casamento, e deixando os chefes estressados em maus lençóis, mas, principalmente, retratando o homem como lobo do homem.

"Existe uma caricatura antológica: um português suarento, subindo uma ladeira com um relógio de parede enorme nas costas. Então, o Amigo da Onça passa por ele, lépido, arrumadinho, e, enquanto dá corda no relógio de pulso, quer saber que horas são para acertar os ponteirinhos dele", descreve Cássio Loredano, resumindo o espírito do garçom de tiradas inteligentes. Charges como essa foram a sensação da revista entre 23 de outubro de 1943 e 3 de fevereiro de 1962. O personagem sobreviveu ao seu criador por apenas um mês e três dias, através das tintas do desenhista Carlos Estevão. Como Péricles morreu? Em 31 de dezembro de 1961, o artista vedou o seu apartamento e abriu o gás. E não foi amigo da onça de ninguém. Pelo contrário. Deixou um bilhete do lado de fora da porta avisando: "Não risquem fósforos".

"Em sua pesquisa, num bar, Péricles viu um garçom muito chato, que tudo queria saber e tal e coisa, e teve o estalo: é ele! A partir daí, fez o Amigo da Onça"

Chico Caruso

AURÉLIO: [DO LAT. AURELIUS]

POR MÔNICA SINELLI

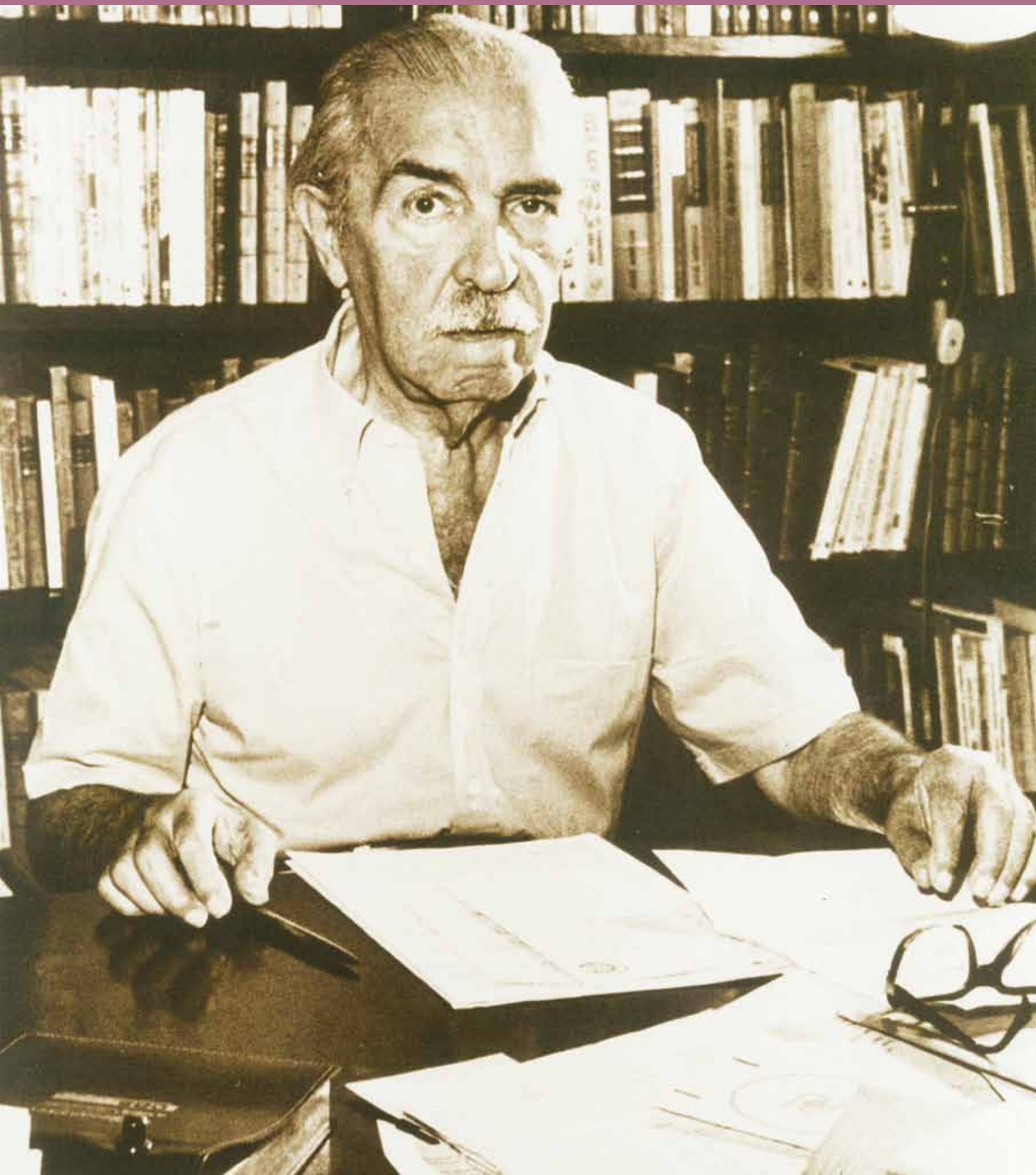
1. Feito de ouro. Fig. Brilhante, magnífico; de grande esplendor.
2. Diz-se do guardião das palavras.
3. O mesmo que dicionário.

Para homenagear o centenário de Aurélio Buarque de Holanda — falecido em 1989 —, uma série de homenagens está prevista ao longo deste ano em Alagoas, onde nasceu, e no Rio de Janeiro, sua residência durante a maior parte da vida. Em sua terra natal, enquanto o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (Ighal) procede à estruturação da Biblioteca Aurélio Buarque de Holanda, o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) prepara a instalação do Memorial Aurélio Buarque de Holanda, que disponibilizará toda a obra do dicionarista à população do estado. No Rio, a Academia Brasileira de Letras (ABL) e a Editora Positivo planejam uma exposição, ainda sem data marcada, que passará também por Curitiba e Alagoas, para recontar a trajetória do grande lexicógrafo, filólogo, professor, tradutor, crítico literário e ensaísta brasileiro.

"Fui pondo lá coisas que se registravam pela primeira vez, coisas que se prendiam à minha infância, coisas que vi em menino e não estavam até então registradas em nenhum dicionário. Ora, recordar a infância, no silêncio da noite, ou no começo do amanhecer, naquela calma, naquela serenidade, é um ato poético, de criação poética. Recordá-la, criando. Revivê-la, dando à luz alguma coisa que ficou lá no mais íntimo da gente, e que era uma palavra, o corpo de uma palavra. É possível que eu tenha transposto para o dicionário, em grande parte, um mundo, embora limitado, mas de que eu gostava muito, que eu muito amava. Era o mundo das palavras, o mundo da criação propriamente dita. Quer dizer: a criação romanesca, a criação contística; enfim, a ficção." Assim, o alagoano que, jamais tendo cursado uma faculdade de letras, elaborou o dicionário que viria a se tornar um fenômeno editorial em todo o país, descreve a sistematização de sua obra maior — o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, conhecido como Dicionário Aurélio ou somente Aurélio.

A CAPTURA DA PALAVRA

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira nasceu em Passo de Camaragibe, no dia 3 de maio de 1910. Aos nove meses, mudou-se para Porto de



Casa em que Aurélio nasceu, em Passo de Camaragibe

Aurélio em seu escritório na Praia de Botafogo 28, com parte de sua equipe: de costas, Paulo Farah; em pé, Elizabeth Dodsworth Tranjan, e Elza Tavares, Margarida dos Anjos Couto, Marina (sentada)

Pedras, município vizinho, onde aprendeu a ler em casa com a mãe. Mesmo com as limitações financeiras da família e o ambiente culturalmente pobre da cidade, aos sete anos o filho do comerciante Manuel Hermelindo Ferreira e de Maria Buarque Cavalcanti Ferreira já era fisgado irresistivelmente pelo universo das palavras. A gênese desse interesse, que acabaria por determinar o ofício que o imortalizou, nem ele próprio conseguia apontar. Perguntado sobre o assunto, em entrevista à Revista do Globo, de 20 de agosto de 1949, Aurélio confessava: "Não saberia dizer-lhe. Não foi por certo o ambiente familiar nem qualquer professor. Pelo contrário, nunca pessoa alguma soube orientar-me no estudo da língua ou em qualquer outro estudo, o que, somado às dificuldades dos meus primeiros tempos de menino e de rapaz, teria dado para desistir, se a curiosidade e a possível vocação não fossem mais poderosas do que tudo. Nascido em Camaragibe, no interior de Alagoas, com menos de um ano mudei-me para Porto de Pedras, onde passei a meninice até os 10 anos, quando fui levado para Porto Calvo. Ora, Porto de Pedras e Porto Calvo eram nessa ocasião, como, até certo ponto, ainda hoje, lugares paupérrimos. Assim, os seus professores não podiam ser bons. Os mestres que ali tive não me explicavam quase nada do que eu mais desejava saber. Lembro-me que já nessa época vivia preocupado com as palavras; mas escapava-me o sentido da maioria delas. Cheguei mesmo a decorar a poesia Velhice e mocidade, de Gonçalves Dias, incluída no Quarto livro de leitura, de Felisberto de Carvalho. `Senta-te embaixo do chorão, que dobra a verde rama sobre a campa nua`, dizia o poeta. Mas quem estava ali para explicar-me o que eram chorão e campa?"

É que na casa do menino Aurélio não havia... dicionário. O único (de Simões da Fonseca), sua irmã, ao casar-se, levara embora. "Passei a viver sonhando com a delícia de possuir um

livro dessa espécie — prosseguia na entrevista —, mas como adquiri-lo, se meu pai se queixava sempre da 'crise pavorosa'? Tempos mais tarde vim a descobrir no cartório do tabelião de Porto Calvo — José Bonifácio de Paula Cavalcanti, aliás aparentado comigo — o dicionário de Jaime de Séguier. Aí então fartei-me. Quando queria decifrar o sentido de alguma palavra, corria ao tabelião — e o gordo volume desvendava-me os mistérios vocabulares." E complementava: "É verdade que meu pai, apesar de homem simples, de poucas letras, tinha jeito para os versos e, mal e mal, chegou a fazer um acróstico para minha irmã. Gostava também de ler, e em Porto de Pedras era mesmo uma espécie de leitor municipal: à noite, ou nas tardes vazias de domingo, ele, empunhando o romance que na ocasião estava sendo lido — geralmente de Alexandre Dumas, Xavier de Montepin, Victor Hugo —, punha-se a ler para diversos amigos e conhecidos. Dava então às frases as inflexões que lhe pareciam exatas. Caprichava nos lances dramáticos ou cômicos. Mas, apesar dos versos e das leituras que eram o regalo dos maiorais de Porto de Pedras, também não posso dizer tenha sido de meu pai que herdei o gosto do estudo e, principalmente, do estudo da língua. Entretanto, ainda outro dia, remexendo em velhos papéis, encontrei uma comédia escrita por mim aos 14 anos, sobre um almofadinha em apuros. E o interessante é que a comédia, do pondo de vista da linguagem, é correta. O que, parece-me, só pode ser levado à conta de intuição, de um como sexto sentido, pois até essa data bem pouco eu aprendera nas escolas por onde andara, e nem sequer adquirira o hábito da leitura."

Rodas Literárias

Foi nessa idade que Aurélio se mudou com a família para Maceió, onde começou a dar aulas particulares de português. Aos 15, ingressou efetivamente no magistério: foi convidado pelo

"Eu e minha irmã morávamos no Hotel Vistamar, no que seria hoje um apart-hotel, no bairro de Santa Teresa, no Rio. Num determinado dia, Aurélio estava jantando no hotel com o Paulo Rónai, que também morava lá e nos apresentou, em 1942"

Marina Baird

Aurélio, Arnoldo Jambo, Bráulio Leite e Pascoal Carlos Magno em Maceió

Aurélio assinando o livro na noite de sua posse na Academia Brasileira de Letras

Ginásio Primeiro de Março a lecionar em seu curso primário. Logo depois, agravando-se as coisas em casa, teve de abandonar os estudos para trabalhar, empregando-se no comércio. Mais adiante, nos anos 30, passa a frequentar as rodas literárias de Maceió, que incluíam nomes como Graciliano Ramos, Jorge de Lima, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. Em 1936, viria a formar-se pela Faculdade de Direito do Recife e, nesse mesmo ano, tornar-se professor de língua portuguesa, francesa e literatura no Liceu Alagoano, hoje Colégio Estadual de Alagoas. Assume, também, as funções de diretor da Biblioteca Municipal de Maceió e de diretor do Departamento de Estatística e Publicidade da capital. No final de 1938, recebe o convite do IBGE para fazer um estágio de especialização em estatística no Rio de Janeiro.

Aqui, onde passaria o resto de sua vida, começa a escrever artigos e contos para jornais e revistas. Segue no magistério, ofício que exerceu até os 70 anos, ensinando língua portuguesa e literatura brasileira nos colégios Pedro II e Anglo-Americano. Em 1941, inicia o trabalho de lexicógrafo — por indicação do amigo Manuel Bandeira —, produzindo, no Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, da editora Civilização Brasileira, a parte referente a brasileirismos. Meticuloso, no entanto, acabou por ampliar sua área de atuação, revendo, na parte de redação, todo o dicionário, e adicionando-lhe inúmeras palavras de uso geral. Ainda no depoimento à Revista do Globo, Aurélio falava sobre essa minuciosa tarefa. "Em geral, o dicionarista, não só na relação como na definição dos verbetes, serve-se do trabalho dos que o antecederam. E ali vai enxergando coisas suas, corrigindo o que lhe parece errado ou imperfeito, escolhendo, transpondo, em alguns casos suprimindo, estabelecendo novos métodos para a ordenação dos assuntos etc. Um dicionário não pode ser trabalho puramente individual. Duas qualidades são essenciais ao dicionarista: paci-

"Um dicionário não pode ser trabalho puramente individual. Duas qualidades são essenciais ao dicionarista: paciência e bom senso. Engano supor que é apenas com cultura, com um amplo conhecimento da língua, que se faz dicionário"

Aurélio Buarque de Holanda

Aurélio, formatura pela Faculdade de Direito de Recife

ência e bom senso. Engano supor que é apenas com cultura, com um amplo conhecimento da língua, que se faz dicionário. Esse conhecimento sem dúvida é necessário, mas de pouco valerá se não estiver a serviço de um bom método. Método que é fruto, em grande parte, do bom senso. O resto é questão de paciência e de muitas outras coisas que não poderia dizer sem correr o risco de tornar-me prolixo."

Em 1942, Aurélio lança o livro de contos Dois Mundos, premiado dois anos depois pela Academia Brasileira de Letras (ABL). No ano seguinte, trabalhou no Dicionário Enciclopédico do Instituto Nacional do Livro. Em 1945, publicou o ensaio Linguagem e Estilo de Eça de Queirós. Nesse ano, participou do I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, e lançou, juntamente com o escritor e tradutor Paulo Rónai, o primeiro dos cinco volumes da coleção Mar de Histórias, uma antologia de contos da literatura universal. Ainda em 1945, casou-se com Marina Baird, com quem teve dois filhos, Aurélio e Marisa Luísa, e cinco netos. "Eu e minha irmã morávamos no Hotel Vistamar, no que seria hoje um apart-hotel, no bairro de Santa Teresa, no Rio. Num determinado dia, Aurélio estava jantando no hotel com o Paulo Rónai, que também morava lá e nos apresentou, em 1942. Um pouco depois, fomos assistir a Vestido de Noiva, a peça do Nelson Rodrigues, entre outros motivos, porque o cenário era de Tomás Santa Rosa, um grande amigo de Aurélio," relembra D. Marina, que à época trabalhava como contadora no Bank of London and South America e passou a ajudar o marido em trabalhos de revisão. "Dos herdeiros, meu filho, que também

Aurélio e Odilo Costa Filho

Aurélio em Maceió em 1973, com o amigo e aluno José Maria de Aguiar Peixoto

se chama Aurélio, é colaborador para assuntos de química do dicionário", afirma ela.

Entre 1947 e 1960, Aurélio produziu textos para a seção O Conto da Semana, do suplemento literário do Diário de Notícias. A partir de 1950, começou a escrever para a revista Seleções do Reader's Digest, na seção Enriqueça o Seu Vocabulário. Oito anos depois, reuniu todos os artigos que produziu para essa seção, publicando-os em um livro com o mesmo título. De 1954 a 1955, contratado pelo Ministério das Relações Exteriores, lecionou Estudos Brasileiros na Universidade Autônoma do México. Seis anos depois — em 4 de maio de 1961 —, foi eleito para a cadeira 30 da ABL.

mestre de si mesmo

A dedicação à língua portuguesa e o amor pelas palavras o projetaram à atividade intensa de confeccionar seu próprio dicionário. Finalmente, em 1975, depois de cinco anos de preparação, foi publicado o Novo Dicionário da Língua Portuguesa — o "Aurélio" —, que representou uma verdadeira revolução no gênero, ao amplificar o acesso do brasileiro aos significados de seu idioma. Em 1977, publicou o Minidicionário da Língua Portuguesa, que também é chamado de Miniaurélio. Em 1989, ano de sua morte, lançou o Dicionário Aurélio Infantil da Língua Portuguesa, com ilustrações de Ziraldo. O autor também traduziu várias obras, como Poemas de Amor, de Amaru; Pequenos Poemas em Prova, de Charles Baudelaire; e os contos para a coleção Mar de Histórias. Sobre ele, pontua o escritor Lêdo Ivo: "Aurélio Buarque de Holanda não nasceu para escrever um dicionário, e sim para ser um dicionário. Para ser o Aurélio, uma galáxia de palavras. Tudo o que ele aprendeu, e aplicou em seu labor de lexicógrafo, foi, por si mesmo, nos livros e nas bocas da vida. Desse modo, não teve mestre ostensivo, nem se filiou a uma nítida linhagem. Decerto, esse aperfeiçoamento pessoal, iniciado na adolescência e que o acompanhou até os últimos dias, realça ainda mais a valia de sua lição e legado, convertendo-o

Aurélio e Marina na Praça Aurélio Buarque de Holanda, na casa de Herberto e Juracy Salles, em São Pedro d`Aldeia

"Aurélio tinha a alma das palavras, a vida das palavras. Até então, o dicionário era um elemento afastado das pessoas. Aurélio conseguiu aproximá-lo do povo com as palavras"

Carlos Nejar

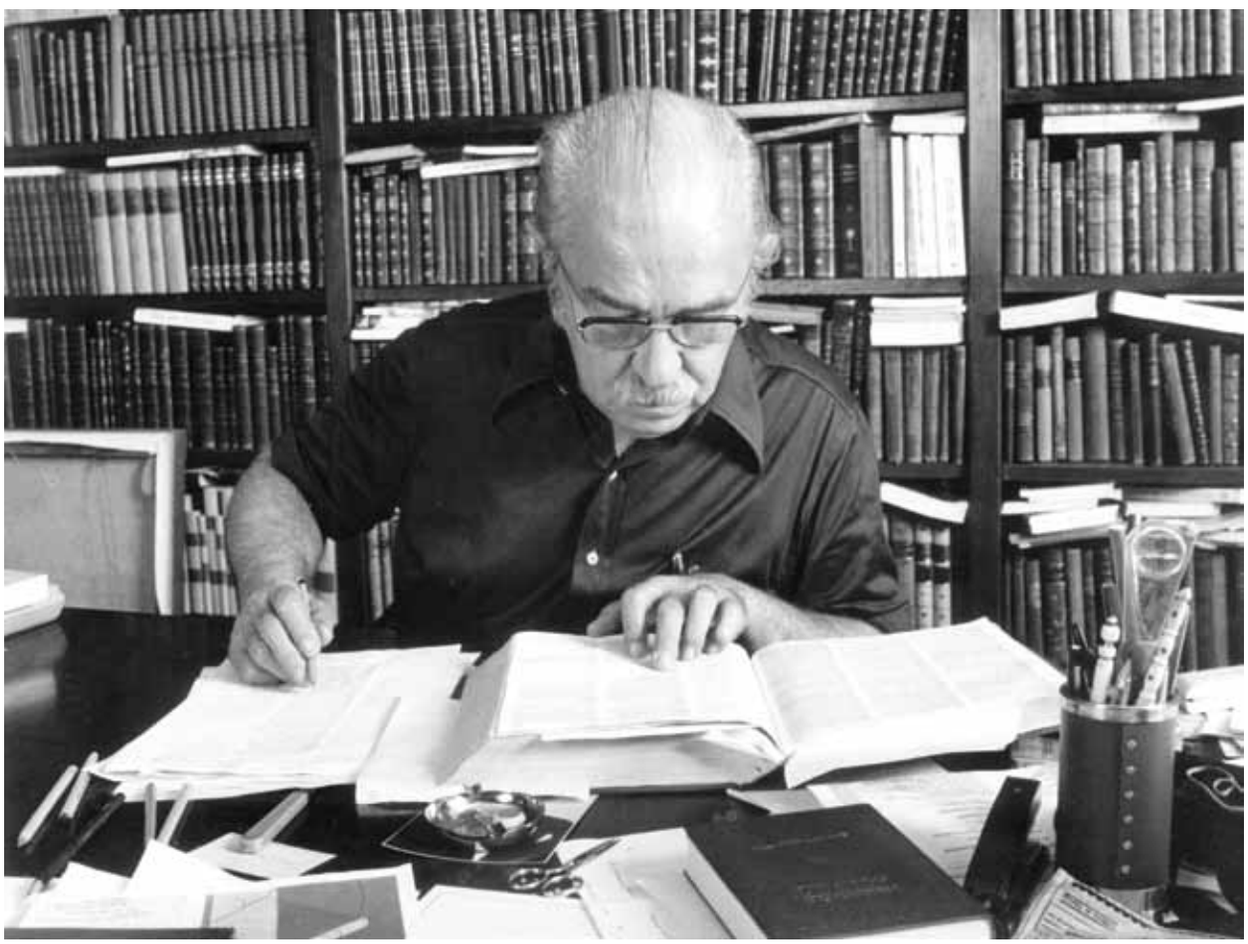
em exemplo limpo do que pode a vontade de um homem, a sua capacidade de transformar eventuais carências em qualidades, em virtudes multiplicadoras, até alçá-lo à condição de mestre de si mesmo."

Para o escritor gaúcho Carlos Nejar, membro da ABL, Aurélio tinha "a alma das palavras, a vida das palavras. Até então, o dicionário era um elemento afastado das pessoas. Aurélio conseguiu aproximá-lo do povo com as palavras. É um verdadeiro caso de milagre: ele fez a coisa e depois se transformou nela". E o filólogo Antônio Houaiss, ele próprio dicionarista, testemunhou: "Aurélio não enveredou jamais pela mitologia da língua brasileira, mas nunca nutriu conscientes ou subconscientes subserviências coloniais lusitanizantes, como menosprezar ou ignorar a hoje mais importante variante da língua portuguesa, que no Brasil viveria meio asfixiada, se não oxigenada — pelo menos no léxico — pela grande contribuição representada pelos brasileirismos — essas palavras da língua que, ainda que tenham a contrapartida semântica em Portugal, funcionam aqui de tal modo que, sem elas, não sabemos ser nós mesmos. Aurélio, aos integrá-las elegantissimamente no seu dicionário, deu-lhes o estatuto de legitimidade que o tempo só vem confirmando."

Hoje, o legado deixado por Aurélio Buarque de Holanda é administrado por uma equipe de

"Ele conviveu com figuras ilustres. Tive o prazer de haver conhecido quase todos os escritores que residiam aqui no Rio. Aurélio sempre viveu rodeado de amigos"

Marina Baird



Aurélio no dia de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras

lexicógrafos. "Trabalham conosco assistentes permanentes e os colaboradores necessários à parte especializada da obra. Quando necessário, contrato outros profissionais", explica D. Marina. O lançamento da quinta edição do Dicionário Aurélio está previsto para este ano, na Bienal do Livro de São Paulo. "Ele conviveu com figuras ilustres. Tive o prazer de haver conhecido quase todos os escritores que residiam aqui no Rio. Aurélio sempre viveu rodeado de amigos", conta ela. E das palavras mais lindas do mundo, das quais foi um vigilante e eterno anjo da guarda.

O intérprete da sua comunicação só pode ser você mesmo.

Mas uma boa direção de imagem ajuda muito.

Insight

Rio de Janeiro • Rua Sete de Setembro, 71 - 14º andar • Centro • Rio de Janeiro, RJ • CEP 20050-005 • Tel: (21) 2509-5399
São Paulo • Rua Bela Cintra, 746 - Conjunto 71 • Consolação • São Paulo, SP • CEP 01415-002 • (11) 3284-6147
www.insightnet.com.br

Piscinão carioca

ensaio fotográfico de **Marcelo Carnaval**

Segunda-feira, sol a pino e nenhuma lembrança da véspera, quando água e areia ferveram sobre uma chapa quente multirracial. Nem funk tocando, nem mulatas sestrosas se contorcendo ao som de alto-falantes, pandeiros, mergulhos, gritos de vendedores de cerveja, raquetadas de frescobol e deliciosas gargalhadas infantis. Parece até que sábado é véspera do nada. E o tempo que lhe segue é apenas ilusão. Domingo? Alguém viu domingo? Ramos, silente, volta-se sobre si própria para reencontrar o milagre da criação. No sétimo dia, Deus vai invadir sua praia.

PETROB

Dicró

ITAIPAVA
ITAIPAVA
ITAIPAVA
ITAIPAVA

ITAIPAVA
ITAIPAVA
ITAIPAVA

Comes e bebes do Baixo Lavradio

por Julia Santhiago

Comer bem pode ser sinônimo de balada, que pode ser sinônimo de sedução, de boa música e, pasmem, de antiguidades. Esse coquetel, aparentemente inusitado, é servido todas as noites na Rua do Lavradio, que se tornou reduto predileto de uma nova tribo de boêmios gastrônomos, quando não raras vezes, colecionadores de objetos antigos. Com pitéus incrementados, como a codorna recheada com gorgonzola e o escondidinho de canjica, até acepipes básicos, como o espetinho de filé-*mignon*, o "Baixo Lavradio" é um convite para cair de boca. E se lambuzar até não poder mais.

A Rua do Lavradio, que já foi referência por suas lojas de antiguidades, firmou-se nos últimos anos como o reduto da boemia na cidade. A rua, que hoje conta com 172 prédios e 73 sobrados, muitos dos quais abrigando bares e restaurantes da moda, foi aberta por ordem do vice-rei, Marquês do Lavradio, entre 1769 e 1779. Na esquina com Rua da Relação ainda se encontra a residência do marquês, que promovia muitas festas para compensar a falta de lazer da capital da colônia. Sem dúvida, o destino dessa rua festiva já estava traçado.

No guia recentemente lançado pelo IPHAN sobre o logradouro, há fatos curiosos, como as alterações que sofreu com o desmonte do Morro de Santo Antônio para a construção do Parque do Flamengo, que levaram junto todo o lado ímpar da rua. Isso entre as décadas de 1940 e 1950. Mas o abalo mesmo, viria no fim do século passado, com a instalação gradativa de bares e restaurantes que vieram se somar aos já existentes e a tornaram um dos redutos mais procurados por cariocas e turistas. E é bom lembrar: há opções para todos os gostos e bolsos, indo do pé-sujo à casa mais sofisticada.

Boteco da Garrafa

Quem procura por um bar charmoso e acolhedor, a pedida, sem dúvida, é o Boteco da Garrafa, na esquina da Rua do Lavradio com Avenida Mem de Sá. Como o próprio nome já indica, chope não entra. A especialidade da casa é a cerveja em garrafa. Lá estão disponíveis 30 rótulos de diversas nacionalidades: alemãs, belgas, argentinas, uruguaias e brasileiras. Com pé direito

alto, o bar consegue, através da decoração, reproduzir perfeitamente o clima descontraído da Lapa. Com um cardápio que foge do usual, o Boteco da Garrafa tem pratos e petiscos que são grande sucesso de público. Entre eles estão o *carpaccio* de polvo; a codorna recheada com gorgonzola; o escondidinho de canjica e palitos de polenta frita com molho de mostarda e mel. Para aqueles que preferem os tradicionais petiscos de boteco há várias opções: pastel de camarão com catupiry; espetinho de filé-*mignon*; bolinho de arroz com parmesão; sanduíche de calabresa com provolone. Outra vedete da casa é a picanha fatiada na chapa com cebola e aipim gratinado.

Com um cardápio que foge do usual, o **Boteco da Garrafa** – que só serve cerveja, nunca chope! – tem pratos e petiscos que são grande sucesso de público. Entre eles estão o *carpaccio* de polvo; a codorna recheada com gorgonzola; o escondidinho de canjica e palitos de polenta frita com molho de mostarda e mel

O Bar Brasil é uma tradicional casa de cozinha alemã, preferida por intelectuais cariocas, como Albino Pinheiro, homenageado nas paredes com belo retrato. Mas durante a Segunda Guerra, dada a antipatia nacional contra os alemães, a casa decidiu mudar de nome e adotar um mais patriótico

O "Boteco da Garrafa" é ponto de encontro de jovens boêmios da noite da Lapa.

Bar Brasil: desde 1907

Construído em 1907 na Avenida Mem de Sá, mas com entrada também pela Rua do Lavradio, o Bar Brasil é uma tradicional casa de cozinha alemã. Funcionou sob o nome Zeppelin até os tempos de Getulio Vargas e da entrada do Brasil na Segunda Guerra. Nessa época, dada a antipatia nacional contra os alemães, a casa decidiu mudar de nome e adotar um mais patriótico. Os pratos são bem servidos e o chope é conhecido como dos melhores da cidade. Gustavo Riveiro, gerente do Bar Brasil conta que o bar pertence a sua família há 40 anos e muitos são os frequentadores ilustres do bar. Entre eles ele cita Paulinho da Viola; Carlos Alberto Torres, o técnico da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970; Arlindo Cruz e Zeca Pagodinho. "Foi o Paulinho da Viola que sugeriu que criássemos o Kassler servido à mineira com tutu, arroz e couve", conta. A ideia deu certo. Hoje, o Kassler "abrasileirado" está entre os pratos mais notórios do estabelecimento. Também merecem destaque a famosa salada de batata e a porção de bolinhos de carne com lentilha.

Mangue Seco: cachaça e caranguejo

O Mangue Seco é parada obrigatória para quem visita o centro histórico do Rio de Janeiro. Situado na Rua do Lavradio, 23, em um casarão do final do século XIX, é a mais completa cachaçaria da cidade. Mas cuidado, cachaça não é água, não. Aproveite os mais de 100 rótulos de cachaças diferentes com moderação. A vitrine onde estão expostas é um capítulo à parte. Um belo móvel entalhado em peroba. Nada mais justo para apresentar o que há de melhor da produção dos alambiques do Rio de Janeiro, Minas Gerais e demais estados brasileiros. Para acompanhar, os apreciadores de cachaça encontram os melhores

O nome "Mangue Seco" remete ao tempo em que o local era uma região de charcos, aterrados para a abertura da Rua do Lavradio. Como lugar de caranguejo é no mangue, é para lá que vão cariocas e turistas para saboreá-los

petiscos e frutos do mar. "É o único lugar no Rio que trabalha com todas as cachaças de alambique produzidas e comercializadas em nosso estado", lembra Paulo Magoulas, consultor e presidente da Academia Brasileira da Cachaça. Em seu acervo o Mangue Seco mantém uma coleção exclusiva de todas as marcas de Paraty e uma seleção especial dos principais rótulos de Salinas, de Minas Gerais além das mais famosas cachaças brasileiras.

O ambiente rústico e acolhedor com mesas de madeira conta com um aquário que exibe caranguejos logo na entrada do restaurante. O segundo andar do sobrado restaurado é ponto de encontro musical. Samba, choro e gafieira de segunda a sábado. Entre os pratos carros-chefe da casa estão a moquequinha de peixe fresco, o caranguejo, os pastéis de siri e de camarão entre outros. O bobó de camarão e as moquecas capixaba e baiana feitas de peixe ou de camarão são os destaques entre os pratos principais. O nome "Mangue Seco" remete ao tempo em que o local era uma região de charcos, aterrados para a abertura da Rua do Lavradio. Como lugar de caranguejo é no mangue, é para lá que vão cariocas e turistas para saboreá-los, com direito a escolhê-los no aquário. Ah, o simpático caranguejo que é logo da casa foi criado por Ziraldo.

Bar do Gerson

Na esquina das Rua do Lavradio com Riachuelo funciona o Bar do Gerson. Boteco no

Na esquina da Rua do Lavradio com Riachuelo funciona o Bar do Gerson. Boteco no estilo "pé-sujo" que atrai clientes em busca do tradicional botequim carioca

estilo "pé-sujo" que atrai clientes em busca do tradicional botequim carioca. Há 10 anos o estabelecimento serve café da manhã, almoço, salgados e petiscos diversos. Entre os pratos mais famosos da casa estão a feijoada especial, servida às sextas-feiras, frango assado, iscas de fígado, carré à mineira, carne assada, filé de peixe e churrasco. Uma opção popular em meio ao oásis da boemia carioca.

antonio's

A casa aposta num segmento, hoje, raro no Rio de Janeiro: o uísque. Uma outra linha de bebidas pretende agradar às mulheres como os uísques com baixo teor alcoólico e sabor sutil, além das caipiespumantes (bebida preparada à base de espumantes com jabuticaba, lichia, laranja com gengibre etc.) e ainda o licor de cachaça Isaura. Para acompanhar, acepipes variados, como pastel

No Antonio's, uma linha de bebidas pretende agradar às mulheres como os uísques com baixo teor alcoólico e sabor sutil, além das caipiespumantes bebida preparada à base de espumantes com jabuticaba, lichia, laranja com gengibre etc.

O Rio Scenarium – com Plínio Fróes à frente – foi um dos precurssores na revitalização cultural da Rua do Lavradio. Misto de antiquário e casa de shows, recebe nos fins de semana, mais de duas mil pessoas nos seus três andares e no salão anexo

de pera como gorgonzola, medalhão ao molho de açafrão e pimenta rosa, truta ao molho de castanha de caju e manjericão acompanhado de purê de batata doce. Isso tudo e uma infinidade de sanduíches saborosos e variadas pizzas, sempre preparadas com *mozzarella* de búfala.

Rio Scenarium

Espaço privilegiado na noite carioca do samba, MPB, choro, forró e gafieira, o Rio Scenarium foi um dos precurssores na revitalização cultural da Rua do Lavradio. Misto de antiquário e casa de shows, recebe nos fins de semana, mais de duas mil pessoas nos seus três andares e no salão anexo.

A ambientação, além da música de boa qualidade, é uma festa para os olhos, com seu grande acervo de móveis e objetos antigos, colecionado ao longo dos anos e que hoje chegam a quase dez mil peças. Há desde bonecas de *biscuit* à uma centenária cadeira de barbeiro, passando por uma Pharmácia Homeopática de 1930.

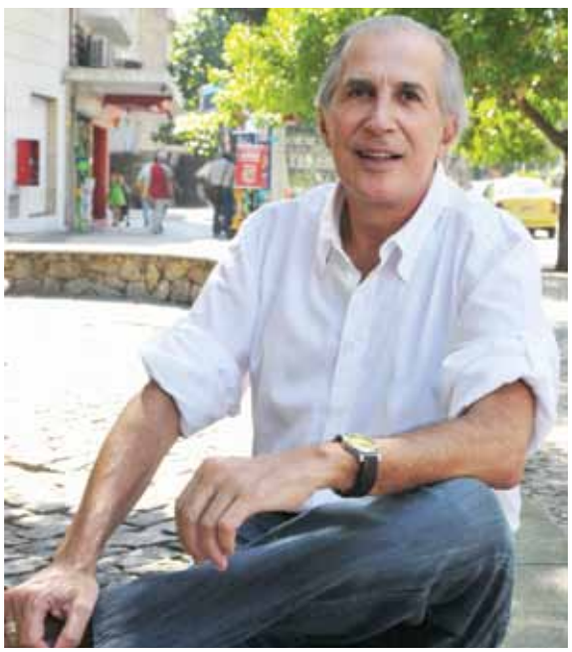
Sucesso desde 2001, tem uma receita infalível: boa bebida, petiscos variados, além de pratos mais elaborados, tudo isso somado à cuidadosa produção musical — só brasileira — para ouvir e dançar. Ainda dos mesmos donos, há o Santo Scenarium, com decoração baseada em objetos sacros, culinária variada e boa música instrumental.

Com tantas boas opções, a rua é um dos melhores *points* cariocas, onde a alegria e animação estão sempre garantidas.

Roqueiro puro sangue

Kleber Holliger

Sócio da XP Investimentos



Considero que sou um autêntico carioca, nascido em São Cristóvão, peladeiro quase que a vida toda. Digo isso, porque há dois anos aposentei as chuteiras, depois que quebrei a perna. Não sem saudades, admito. Muito cedo fiquei órfão de pai e estudava no internato do Colégio Pedro II.

Por minha mãe não dispor de muitas posses, comecei a trabalhar bem cedo, aos 12 anos, como entregador de jornal e até como camelô, tudo para poder ter dinheiro e frequentar os shows que rolavam na cidade, que não perco até hoje, especialmente os de rock. Não sei se sou um roqueiro velho ou um velho roqueiro. Tanto assim que tenho um casal de cachorros da raça labrador que se chamam Mick Jagger e Madonna.

Uma das mais doces lembranças da minha infância é a de que quando minha mãe precisava que alguém cuidasse de mim para trabalhar, quem me abrigava com todo carinho eram Dona Zica e Cartola, que me chamavam de filho. A casa deles era o meu segundo lar e com direito a viver o melhor da Mangueira. Não à toa, adoro samba e já desfilei muito em diversas escolas: Mangueira, claro, Vila Isabel e União da Ilha.

Mas o que eu acho que mais me caracteriza, além do típico bom humor carioca, é o meu lado dinâmico e empreendedor, tanto assim que quando fiz 18 anos fui morar sozinho em cima do Formosinho, na General Osório. Nessa época já cursava a faculdade de Engenharia Elétrica e fui trabalhar em Furnas, mas acabei sendo seduzido pelo mercado financeiro, no qual estou até hoje, como sócio da XP Investimentos, que é a maior corretora do Brasil. A área é muito particular, e chego a compará-la a um baile funk, tem todo dia e a cada dia é diferente. Curioso é que já encontrei amigos que se formaram comigo e que também mudaram de rota.

Claro que com o passar dos anos a vida melhorou e hoje moro no Leblon, onde até bem pouco tempo mantinha meu escritório, que agora está na Barra da Tijuca. Na época em que trabalhava na American Invest, em Ipanema, ia de táxi e voltava todos os dias a pé, parando às vezes no Bracarense e depois no Jobi. E à noite no Sushi Leblon, que conheço desde a época que Pepê e Ana Carolina iniciaram. Adoro viajar, comer bem e tomar um bom vinho, mas nunca fui um enochato, daqueles que ficam cheirando o vinho, apesar de ter feito a ABS há 20 anos. Não sou um cara fresco. Almoço todas as sextas-feiras no Gero, onde tenho mesa cativa, mas não deixo de frequentar o Adonis, em Benfica, e sou aficionado pelo Lapa 40 graus.

Mas já começo a pensar em desacelerar o ritmo de trabalho e tenho me dedicado ao meu novo reduto, o Vale das Videiras, onde recebo amigos e as três filhas. Além disso, sou viciado em cinema. Vejo tudo. Só não me chame para ir à praia, pois sigo a máxima do Paulo Francis, "intelectual não vai à praia. Intelectual bebe".

A GENTE LEVA EDUCAÇÃO E CULTURA A LUGARES QUE FICAM BEM LONGE. AO FUTURO, POR EXEMPLO.

nbs

Oi Futuro é o instituto de responsabilidade social da Oi que trabalha para diminuir as distâncias sociais do Brasil.

Em 9 anos, já contribuímos para um futuro melhor de mais de 3,5 milhões de brasileiros, através de programas que utilizam a tecnologia da informação e da comunicação, como Oi Tonomundo, Oi Kabum!, Oi Novos Brasis, NAVE e Oi Conecta. Com a gestão do Oi Futuro, o Programa Oi de Patrocínios Culturais democratiza o acesso ao conhecimento. E, no Rio de Janeiro e Belo Horizonte, o Oi Futuro também funciona como um espaço de cultura que é referência internacional em arte e tecnologia, além de abrigar o Museu das Telecomunicações. Lá, a história da comunicação é contada de um jeito interativo e nada tradicional. Em 2009, o Oi Futuro recebeu o prêmio Top Social da ADVB, que reconheceu o NAVE como destaque em Valorização Humana e o Museu das Telecomunicações como destaque em Cultura. É assim que estamos inserindo cada vez mais brasileiros no mapa da cidadania.

WWW.OIFUTURO.ORG.BR

Crédito Imobiliário Bradesco

Compre sua casa própria. Conte com o **Crédito Bradesco** para crescer.

Ter presença no Crédito significa estar disponível para todos, em todo o país, com taxas competitivas, financiamento de até 80% do imóvel, 30 anos para pagar e documentação simplificada. Por isso, pensou Crédito, pensou Bradesco. Fale com o seu gerente ou ligue 0800 273 3486 – o tira-dúvidas do Crédito. Com sabedoria, o Crédito faz você crescer.

Crédito Bradesco. Presença para você crescer.

SAC Alô Bradesco 0800 704 8383
SAC Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 722 0099
Ouvidoria 0800 727 9933

bradescoimoveis.com.br

Crédito sujeito a aprovação. Condição exclusiva para aquisição ou construção de imóveis por pessoas físicas. As condições podem ser alteradas a qualquer momento, sem aviso prévio, de acordo com as condições do mercado. Para efeito de enquadramento do seguro, a idade do beneficiário ou a do mais velho deles somada ao prazo do financiamento não poderá ultrapassar 80 anos e seis meses na data da contratação.

Bradesco